

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E



L I T E R A N T O

LITERATURA INFANTOJUVENIL LUSÓFONA EM FRANÇA

I EDIÇÃO

12 DE OUTUBRO

SORBONNE UNIVERSITÉ PARIS 4

FONDATION CALOUSTE GULBENKIAN PARIS

AILD/FRANÇA



p/ 06 e 07.

O Dia Mundial da Gratidão e o agradecimento da AILD.
O papel da Sociedade Civil

p/ 12.

Grande Entrevista, João Costa, Ministro da Educação

p/ 26.

Oito anos de Eil! ao serviço de Portugal e do mundo
Por Gilda Pereira

N E S T A E D I Ç ã O

p/ 28.

Ensino e preconceitos
Por Pedro Rupio

p/ 34.

Artes e Artistas Lusos. Erika Jâmece
Por Terry Costa

p/ 65.

Planos Prestacionais à Segurança Social
Por Rogério Fernandes Ferreira & Associados

Obra de capa

Título: Là-dessous

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

Descrição da obra:

Olhar para esta paisagem é sentir as suas asperezas e feridas. Aventurar-se nas entranhas, contornar as fendas, caminhar nas cristas e evitar a queda. O território é acidentado e composto por dobras. Os relevos costurados podem, em qualquer momento, escapar e alargar o espaço para além dos limites do suporte.

Olhar para esta paisagem é explorar territórios onde os sinais humanos são ínfimos: caminhos esvaecidos e estruturas improváveis que parecem desafiar os elementos naturais. A linha marca, mas o horizonte é vasto e anuncia um espaço sem limites. A imaginação pontua as distâncias. Livre, o caminhante avança. Não há pressa, o tempo está suspenso. Olhar para esta paisagem é avistar uma fuga. Das pregas das profundezas, emerge uma direção e ao longe, a claridade oferece uma promessa de evasão.

Tamara Delvaux (Historiadora de Arte)

Sónia Aniceto

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fátima Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 22, outubro 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Tamara Delvaux , historiadora de arte escreve sobre “Là-dessous”, uma obra para explorar territórios onde os sinais humanos são ínfimos. Verdadeiramente emocionante.

José Governo relembra-nos o Dia Mundial da Gratidão e aproveita para agradecer a todos aqueles que tem contribuído para o crescimento da AILD e para o seu futuro promissor. Já o presidente vem alertar para o papel do Estado Português e algumas instituições que não tem tido a melhor postura perante o movimento associativo, bem como fazer um apelo às entidades privadas para contribuírem para um projeto internacional que todos os dias vê no mapa do mundo mais uma delegação a nascer. Agnaldo Bata, sociólogo e escritor e futuro Diretor Geral da AILD/Moçambique, é o associado de outubro em destaque.

Fique a saber quais são os desafios e objetivos da Educação em Portugal na Grande Entrevista com o Ministro da Educação, João Costa. Não perca. A Ei! Assessoria Migratória fez oito anos e aproveitou para fazer um balanço da sua ação em Portugal e no mundo. Pedro Rupio, presidente do Conselho Regional das Comunidades Portuguesas na Europa fala-nos do preconceito que ainda persiste em relação ao ensino a descendentes de portugueses. O Bom Dia surgiu em 2001 pelas

mãos de um luxemburguês e é hoje uma referência nos Media das Comunidades Portuguesas. Terry Costa dá-nos a conhecer Erika Jâmece uma artista plástica nascida em Luanda conhecida como a Rainha do “Hongolo”. A “grande viagem da água”, é um belíssimo texto de Vítor Afonso que não pode deixar de ler. Celebramos a poesia com o intenso poema do encontro de Mécia e Jorge de Sena, “Conheço o sal”. Nuno Pereira, psicólogo retrata pelos pensamentos de um jovem, o que deveria ser a “Casa de Acolhimento IDEAL” em contraponto com as fragilidades e falhas de muitas das instituições de acolhimento residencial em Portugal. Premiadíssimo, Almir Bindilatti é um dos mais importantes fotógrafos brasileiros da atualidade. Deslumbre-se. Com a lupa habitual, viajamos pela Serra da Estrela e fomos descobrir lá fora, a cidade azul de Marrocos – Chefchaouen.

“O comer está na mesa!”, afinal é errado ou não o uso desta expressão? Marco Neves explica-lhe tudo e afinal, se calhar estava bem enganado :). Conheça o novo regime extraordinário para o pagamento das contribuições à Segurança Social, e descubra como o “erro” pode ser um fator de mudança numa organização. Excelentes motivos de leitura para o seu mês de outubro. Obrigada por nos acompanhar.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| A I L D

Gratidão...!!!

No passado dia 21 de Setembro comemorou-se o Dia Mundial da Gratidão, cujo verbo associado a esta comemoração é precisamente “agradecer”. Foi precisamente o que a AILD fez no final de agosto ao realizar a ação “Obrigado, Boa Viagem”, num gesto de agradecimento e reconhecimento aos emigrantes e lusodescendentes que visitaram Portugal durante este período de verão e de férias, pelo importante contributo que deram às dinâmicas económica e social dos diversos territórios do país, em especial nos territórios de baixa densidade. Esta presença dos emigrantes é efetivamente muito especial e importante para Portugal, para os territórios e para as pessoas, não só na perspetiva económica, mas sobretudo, pelo Portugal de afetos que somos, ainda com maior expressão depois de dois anos de pandemia.

Mas agradecer também ao Município de Almeida e à Rádio Arc en Ciel, pela excelente parceria que criaram com a AILD na realização desta importante

ação de despedida aos emigrantes, ao qual também agradecemos de forma generalizada a todos quantos tornaram possível e contribuíram para esta ação, onde se destaca o jornal Público, Lusojornal, RDPi, empresa Saborosa, colaboradores dos três parceiros, e muitos outros.

Mas queremos também agradecer a todos os nossos colaboradores da AILD que mesmo em tempo de férias estiveram sempre disponíveis para colaborar e manter ativas as funções e responsabilidades de cada um.

Um agradecimento também muito especial ao Conselho das Comunidades Portuguesas, na pessoa do seu Presidente do Conselho permanente, Dr. Flávio Martins, pela parceria que temos vindo a estabelecer na luta pelos mesmos objetivos, a defesa dos interesses das Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo.

O Instituto Camões, IP, tem também sido um parceiro fundamental que queremos expressamente agradecer, pelo apoio logístico e pelas portas que nos têm sido abertas na implementa-

ção de algumas das nossas ações, como é disso exemplo, o nosso projeto itinerante “Obras de Capa”.

Um agradecimento especial ao Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e ao Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, por nos terem recebido, valorizando o nosso trabalho e manifestando uma expressa vontade de connosco colaborar, cujo denominador comum é claramente Portugal e as Comunidades Portuguesas. E como o nosso campo de ação e intervenção é cada vez mais vasto, também as universidades têm sido nossos parceiros, como é o caso da Universidade Nova de Lisboa, numa ação já realizada, e o ISCTE, num evento que está neste momento em fase de preparação. Mas o nosso agradecimento é muito mais vasto, e portanto, através de todos estes agradecimentos, queremos agradecer a todos quantos têm tornado possível o caminho que a AILD tem trilhado e a “auto-estrada” de ideias, projetos e desafios para o presente e o futuro, em prol das Comunidades Lusófonas.

O equilíbrio das sociedades ocidentais assenta num Estado que se norteia pela Carta dos Direitos Humanos, respeito pelos tratados internacionais e numa constituição assente nos valores europeus. Por outro lado, assenta também numa classe jornalista independente, que escrutina a sociedade livremente, e nas várias organizações emanadas da sociedade civil, como as várias religiões, ONG de carácter caritativo, educativo, cultural, recreativo e do sector da saúde, mas também organizações de carácter lucrativo.

Para uma sociedade é vital poder contar com todo estes tipos de instituições.

Todos nós devemos dar o nosso contributo para que assim seja, quer através nos nossos impostos financiados ao Estado, quer através de donativos (dinheiro, bens, tempo, etc.) para organizações não governamentais, quer com outras contribuições que

permitem, por exemplo, a existência de hospitais e escolas privados, quer através do nosso consumo recolhendo as empresas que merecem existir.

Os políticos e os funcionários públicos além de deverem ter sempre presente que estão ao serviço da sociedade civil e das suas instituições, devem também dar o seu contributo para fortalecer a sociedade civil no seu todo.

Nesse sentido, o Estado Português tem de assegurar apoio técnico, informativo e formativo, didático, material, financeiro e não se pode limitar a ter uma atitude passiva, à espera que lhe batam à porta, mas ser pró-ativo e ir ao encontro das instituições. Outra atitude o que Estado não pode adotar, é a de não assumir um papel formativo e didático para com as instituições sem fins lucrativos que precisam de se candidatar à obtenção de ajudas, subvenções, fi-

| A I L D

Sociedade Civil

nanciamentos a fundo perdido, etc. porque como não consegue assegurar este tipo de ações a todas as instituições, então não assegura a ninguém, para ser justo para com todas. Este tipo de atitude não contribuiu em nada para o bem de todos.

A AILD como muitas das instituições, é constituída por membros generosos que dedicam o seu tempo e recursos para que os objetivos da associação se concretizem, apesar das obrigações profissionais e familiares de cada um dos seus membros.

Desafio o leitor a explorar o nosso site e a nossa Revista para conhecer as atividades que vamos promovendo, nestes três anos de existência... No entanto, grande parte das atividades não mereceram qualquer apoio do Estado, já que infelizmente nos temos confrontando com sucessivos obstáculos no acesso

ao financiamento público.

É certo de que temos recebido demonstrações de incentivo, de reconhecimento de alento, é bom ser objeto dessas demonstrações, mas infelizmente não são suficientes para materializar dos nossos eventos e atividades que temos projetados.

Também é certo que as empresas e pessoas de boa vontade podem tentar suprir o Estado e vir em nosso auxílio para concretizar os nossos projetos.

Como comentei anteriormente, certo de que o financiamento em dinheiro é importante, mas não é única forma de ajudar, o tempo de cada um também o é, mas todas e qualquer ajuda é sempre bem vinda.

Por isso, não deixe para amanhã, contacte hoje mesmo e ajude-nos a concretizar este nosso projeto. Desde já vos agradecemos.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| A I L D

Agnaldo Bata

Idade: 31

País de nascimento:

Moçambique

Cidade onde reside:

Maputo



Agnaldo possui um mestrado em Ciências Sociais – Mundos Urbanos e Desigualdades Sociais pela Universidade de Paris VIII, França e uma licenciatura em Sociologia pela Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Em 2017 publicou o seu primeiro romance intitulado “Na Terra dos Sonhos”. Em 2019 publicou o seu segundo romance intitulado “Sonhos Manchados, Sonhos Vividos” depois de ter recebido uma menção honrosa na 2ª edição do concurso literário INCM Eugénio Lisboa.



Considera-se um sociólogo escritor ou um escritor sociólogo?

Considero-me um curioso contador de histórias. A minha formação em Ciências Sociais, particularmente em sociologia, fornece-me uma série de ferramentas que me permitem pesquisar e fazer leituras sobre a realidade à minha volta. A escrita é aquele campo onde, de forma mais livre e criativa, posso partilhar os meus sentimentos, frustrações e sonhos em relação ao mundo em que vivemos. Portanto, a sociologia e a escrita não se anulam, elas complementam-se.

Quando nasceu a paixão pela escrita?

Sempre gostei de contar histórias, só não sabia como o fazer. Levou tempo até encontrar a forma que era ideal de fazer isso. Comecei pelo teatro e, paulatinamente, senti que precisava de mais tempo e liberdade que o

teatro não me oferecia e fui-me orientado para a escrita. Não comecei a escrever como objetivo de publicar, apenas queria passar para o “papel” algumas reflexões que eu tinha. A realidade é que me impeliu para a publicação.

Estudar em Paris, era um sonho, um objetivo?

Ambos. Paris é daquelas cidades que bastante projetada em várias histórias reais e ficcionais da cultura ocidental. Devido ao efeito da colonização cultural e da “globalização”, acabamos cultivando o sonho de algum dia poder conhecer essa mítica cidade que é Paris, e eu não fui imune a esse sonho. Por outro lado, tinha a consciência de que poderia crescer academicamente e profissionalmente caso eu fosse exposto a um ambiente académico e social francês, daí o facto de estudar em Paris ser igualmente um objetivo.



Em 2015 foi premiado no concurso literário dos 40 anos do Banco de Moçambique com a obra “Na Terra dos Sonhos” e mais recentemente em 2018 distinguido com a menção honrosa na 2ª edição do concurso literário INCM *Eugénio Lisboa* com a obra “Sonhos Manchados Sonhos Vividos”. O que representou receber estes prémios?

Como eu disse antes, eu nunca fui orientado para a escrita e muito menos para a publicação. Comecei a escrever... escrevendo. Fui curioso e concorri a esses concursos talvez como forma de eu mesmo testar a minha potencialidade na área e, surpreendentemente, parece que resultou. Recebi o primeiro prémio de forma totalmente inesperada. Desconhecia o mundo literário moçambicano, conhecia apenas os escritores pelos livros e nunca os tinha encontrado pessoalmente para lhes pedir conselhos sobre como escrever, então eu não esperava ser distinguido num concurso para novos talentos e foi a partir desse momento que percebi que eu poderia escrever melhor e de forma mais estruturada.

Três anos mais tarde recebi a menção honrosa logo na 2ª edição do prémio INCM *Eugénio Lisboa*, um prémio com

enorme prestígio em Moçambique. Confesso que senti mais legitimidade depois dessa distinção e deixei de ser mero curioso passando a tornar-me também um profissional da área. Por causa dessas distinções sinto a responsabilidade de cultivar a minha arte de tal forma que eu seja cada dia melhor para estar a altura dessas distinções.

“Vozes e Versos” é segundo o Agnaldo, um podcast feito de e para leitores. Fale-nos deste projeto que lançou recentemente.

A ideia principal deste projeto é de promover a literatura a partir da experiência dos escritores. O escritor do livro é “único”, mas os leitores são vários e cada um recebe o livro de uma forma diferente. Conhecer e difundir a forma como os leitores recebem e compreendem os livros é também uma forma de difundir a própria literatura e contribuir para o seu desenvolvimento. Gosto especialmente deste projeto pois através dele é possível dar voz à leitores que estão distantes dos centros urbanos o que até então era pouco possível através projetos de promoção da literatura existente em Moçambique.



Porque se tornou associado da AILD?

Porque me identifiquei com a ideia de uma associação cultural/científica que promove a cultura lusófona em vários cantos do mundo, mesmo em países que não são lusófonos e sobretudo pelo facto da AILD não ser exclusiva apenas à pessoas de nacionalidade portuguesa ou dos seus descendentes, o que o torna um excelente espaço de intercâmbio cultural e de promoção da multi-culturalidade.

Vai ser o futuro Diretor Geral da AILD/Moçambique. Quais são os seus objetivos para esta delegação e quais são as prioridades para o seu mandato.

Esse é um desafio muito complexo. Acho que o importante neste momento é difundir as atividades da AILD em Moçambique, formar uma estrutura local e fazer com que ela contribua para a promoção cultural moçambicana e da cultura lusófona.

Como vê o futuro de Moçambique a médio prazo? A paz vai chegar?

Moçambique tem vários desafios, mas também tem várias potencialidades, é preciso transformar essas potencialidades em oportunidades reais e sustentáveis. Contudo, antes de mais, vejo um país que se livra das ameaças terroristas. Creio que isso é urgente e só depois disso podemos sonhar com um desenvolvimento sustentável e equitativo.

Uma mensagem para Moçambique.

Somos um país multicultural e essa é a nossa maior riqueza. Não tornemos nisso numa fraqueza.



GRANDE ENTREVISTA

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

JOÃO COSTA

João Costa é licenciado em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, professor catedrático de Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e, desde 2022, assume a liderança do Ministério da Educação no XXIII Governo Constitucional. Na altura em que se assinala o primeiro mês desde o arranque do ano letivo 2022/2023, damos-lhe a conhecer, na nova edição da Descendências Magazine, as conquistas, desafios e objetivos da Educação em Portugal.



© Tiago Araújo

Desde 2015 integra os executivos de António Costa e foi a escolha do primeiro-ministro para substituir Tiago Brandão Rodrigues na liderança do Ministério da Educação no XXIII Governo Constitucional. O convite para assumir a pasta da Educação e esta passagem a ministro representam um sinal de continuidade do trabalho até então desenvolvido pelo senhor ministro na secretaria de estado?

Temos inscrito no Programa do Governo um compromisso de continuidade das políticas educativas de âmbito curricular, com reforço da autonomia das escolas na construção do currículo, devolvendo aos professores essa missão nobre, e, por outro lado, com uma aposta na recuperação de aprendizagens, após dois anos de interrupções letivas forçadas por uma pandemia. Damos ainda continuidade a um trabalho por uma escola inclusiva, com igualdade de





oportunidades e respostas adequadas, que sirvam o sucesso de todos. Neste sentido há um sinal de continuidade. Mas também um passo em frente, com o olhar no futuro, com a aposta na digitalização e um forte investimento no apetrechamento tecnológico das escolas, promovendo uma transformação adequada do nosso sistema educativo às necessidades presentes e futuras.

Agora à frente da Educação, terá em mãos a recuperação das aprendizagens, depois de dois anos em que o ensino foi impactado pela pandemia da Covid-19. Quais são os principais desafios que se esperam na Educação nos próximos quatro anos de legislatura?

Temos um plano ambicioso em curso, que se traduz no Plano 21|23 Escola+, com um leque vasto de medidas de intervenção rumo à recuperação de aprendizagens e reforço dos recursos do nosso sistema educativo, que tem sido alvo de um constante exercício de monitorização. Trata-se de um trabalho importante de apoio às nossas escolas, mas que não se esgota em 2023, e que consolida práticas que as escolas poderão usar para lá desse período. No fundo, tudo se traduz num trabalho de continuidade da construção de uma escola mais inclusiva, que não deixa ninguém para trás, um trabalho que começou no XXI Governo, com a definição das medidas estratégicas da política educativa atual, que são o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, e depois os Decretos-Lei do Currículo, que introduz maior flexibilidade na gestão curricular, e da Educação Inclusiva, publicados em 2018. Ninguém sonhava que íamos viver uma pandemia e uma paragem abrupta de todas as escolas. Mas este trabalho prévio ajudou-nos a passar essa tormenta e a encontrar a resiliência que precisamos para seguir em frente construindo

um futuro educativo que acolhe todos e que os leva ao máximo da sua capacidade.

Um dos principais desafios desta legislatura será a descentralização da Educação. Em julho de 2022 o Governo e a Associação Nacional de Municípios Portugueses assinaram o acordo setorial de compromisso de descentralização de competências no domínio da Educação, no entanto o caminho a percorrer ainda é longo e exigirá uma forte monitorização por parte do Governo. Quais as regras estabelecidas por este acordo e quais as principais novidades que esta transferência de competências na área da Educação trará aos municípios portugueses?

É um momento histórico, de assunção de uma responsabilidade coletiva em torno de áreas estratégicas do nosso desenvolvimento enquanto país democrático, como sejam a educação, a saúde e a segurança-social. Um caminho que já vínhamos preparando também. Mas uma vez lembro que o compromisso do Programa do Governo ia no sentido de reforçar o modelo de autonomia, administração e gestão das escolas, perspetivando uma maior participação e integração de toda a comunidade educativa, a valorização das lideranças intermédias e o reforço da inserção da escola na comunidade.

A descentralização reforça a proximidade e qualifica o contexto da comunidade educativa. Quero aproveitar para deixar aqui o meu apreço pela forma responsável e dedicada, até exemplar, em muitos casos, como tantos municípios portugueses agarraram este desafio como uma aposta de futuro e de modernidade. Acredito nos frutos deste trabalho, porque já testemunhei o sucesso deste caminho em muitos casos que tenho acompanhado nestes últimos anos de funções.



© Tiago Araújo

Atualmente, somos o país da Europa com maior percentagem de decisão centralizada. Urge reforçar a autonomia das escolas, através da partilha do poder para decidir, mas também dos meios para concretizar?

Todo o trabalho iniciado em 2017 de reforço da autonomia das escolas na gestão curricular é uma evidência da confiança que o Governo tem nas escolas e nos seus profissionais enquanto decisores. Nunca descurando aquilo que é o seu papel, o Estado tem feito esse caminho de descentralizar as competências que entende que as instituições mais próximas das pessoas melhor podem assumir, no cumprimento dos objetivos de sucesso das políticas centrais. Sempre, claro, como também foi sempre dito, numa lógica de acompanhamento e de aprendizagem com as melhores práticas. E acreditem que são muitas, em muitas áreas, confirmando eu com mais propriedade as da área da educação.

Estima-se que até 2030 saiam do sistema educativo português 50 mil professores. Muitos acreditam não ser possível repor estes profissionais com recurso apenas à formação inicial, que tem de ser repensada. Considera que, hoje mais do que nunca, é necessário o desenvolvimento de uma estratégia capaz de rejuvenescer a classe docente, dignificar a docência, reter e atrair os melhores para a profissão?

É de facto um momento muito desafiante aquele que vivemos em termos de recursos humanos mais qualificados na educação. Mas não se trata de um problema exclusivamente português. É um desafio de outros países na Europa. E é um desafio no Mundo. Esta semana mesmo participarei numa cimeira mundial das Nações Unidas sobre a Transformação na Educação, onde este tema será debatido entre os Estados participantes.

Mas estamos a trabalhar para minimizar o impacto desta realidade no nosso sistema, como tem sido amplamente divulgado. Estamos a convocar todos os docentes que esta-



© Tiago Araújo

vam a exercer outras funções, em mobilidades estatutárias, alterámos o diploma da habilitação própria docente para canalizar todo o valor de licenciados com capacidade para responder a casos mais críticos de escassez de docentes, como é o caso da informática, geografia, e das ciências. E vamos negociar com os representantes sindicais soluções para melhorar a resposta da legislação no âmbito da contratação e dos concursos para encontrar respostas mais eficazes a este problema, sempre com o objetivo final de melhorar as condições de carreira e tornar a escolha individual de ser professor cada vez mais atrativa. E o facto de estar já a aumentar a procura dos cursos de formação de ensino nas universidades é um sinal muito animador de que a profissão continua a ser atrativa para os jovens.

Recentemente, referiu que pretende solucionar o modelo “casa às costas” já no próximo ano letivo. Este fator poderá vir a contribuir para que os jovens não olhem para a profissão, nos seus anos iniciais, como sendo instável?

Sim, essa afirmação traduz em poucas palavras o que queremos melhorar na contratação e na legislação neste âmbito para que possamos encontrar respostas adequadas ao problema da falta de professores e adequadas também ao desenvolvimento de uma série de medidas de valorização da profissão docente. É esse trabalho que vamos desenvolver nos próximos tempos.

Há bem pouco tempo, as redes sociais foram invadidas com testemunhos de descontentamento acerca do despacho do Ministério da Educação que vai permitir que os licenciados pós-Bolonha possam dar aulas já no próximo ano letivo 2022/2023. Falamos de uma solução temporária, para fazer face à falta de docentes a determinadas disciplinas, que não se quer norma?

É preciso dizer em primeiro lugar que o mestrado em ensino será sempre a habilitação para poder ingressar na carreira de professor. A habilitação própria sempre existiu, mas os



© Tiago Araújo

instrumentos legais não eram atualizados há anos. A possibilidade de ocupar extraordinariamente lugares em sede de contratação de escola já existia para os licenciados pré-Bolonha. E agora acontecerá com os licenciados pós-Bolonha. Sinceramente, esta alteração não justifica o alarido feito em torno do tema.

Para além disso, o Ministério da Educação está a desenvolver a possibilidade de estes docentes poderem formar-se, ou seja, fazer a sua profissionalização e a componente de formação pedagógica enquanto dão aulas. É esta mais uma tentativa de atrair mais pessoas para a carreira docente?



© Tiago Araújo

Sim, será possível a estes licenciados, se assim entenderem, poderem fazer a profissionalização enquanto dão aulas, ao mesmo tempo que fazem a componente de formação pedagógica. Este é um trabalho que estamos a fazer de revisão do modelo de formação inicial, que tem um grupo de trabalho a pensar nestas alterações, um grupo coordenado pela professora Carlinda Leite, da Universidade do Porto, e que é mais uma medida num conjunto de várias que se quer eficaz de resposta a esta falta de professores.

O mês que antecede o arranque de mais um ano letivo é, regra geral, um dos mais inquietantes para milhares de docentes que aguardam uma colocação. Presentemente, qual a percentagem de docentes colocados no Sistema Nacional de Educação?

Fizemos esse ponto de situação no âmbito dos resultados da segunda Reserva de Recrutamento, que são momentos

semanais em que as necessidades ainda por preencher vão a concurso. Colocámos professores em 97% dos horários solicitados pelas escolas. O que é uma situação melhor de que temos registo desde 2019. Mas não vamos escamotear a realidade. A colocação de docentes é uma realidade muitíssimo dinâmica. Hoje temos 97% de necessidades satisfeitas e amanhã há lugares que não são reclamados pelos docentes colocados, há baixas que abrem outras necessidades. É um sistema que exige capacidade constante de resposta do sistema, que é o que estamos a fazer, diria num nível de sucesso grande, sempre com o objetivo de fazer com que cada falta de um docente seja resolvida no menor tempo possível.

A principal alteração para o próximo ano letivo está no regime de mobilidade por motivo de doença, que deixou de fora quase três mil docentes. Esta situação poderá traduzir-se num aumento de baixas médicas de professores já em setembro?



© Tiago Araújo

Temos uma variedade muito grande de casos entre os docentes que usavam este requisito. Trata-se de um regime específico de mobilidade que, como mencionado no preâmbulo, tem subjacente a promoção do equilíbrio entre a necessidade de prestação de cuidados médicos ou apoios aos docentes ou aos seus familiares e a melhor utilização dos recursos humanos, de modo a contribuir para garantir à escola pública os professores necessários à prossecução da sua missão. Como sabemos, foi um processo que decorreu no seu prazo. Quisemos avaliar casuisticamente alguns casos e surgiram dúvidas da legalidade desse processo, por isso aguardamos conclusão de um parecer jurídico.

Como forma a verificar os processos de mobilidade por doença, o Governo anunciou entretanto que vai fazer 7.500 juntas médicas a professores para verificar estes processos de mobilidade por doença. No entanto, a Federação Nacional dos Médicos considera ser “uma tarefa impossível” criar 7.500 juntas médicas para verificar situações de professores em baixa médica ou que pediram para mudar de escola por questões de saúde, porque faltam clínicos. Tendo em conta esta realidade, de que forma o Ministério da Educação pretende constituir estas juntas médicas e onde planeiam recrutar os médicos necessários?



© Tiago Araújo

Esse processo está em fase de adjudicação. Aguardamos a conclusão dessa fase.

A revisão do modelo de recrutamento e colocação de professores vai começar a ser negociada entre o Ministério da Educação e os sindicatos do setor a partir de setembro. Quais as principais mudanças que podem advir desta negociação?

Pensamos que uma das vias de solução desta falta crítica de professores se prende com a falta de estabilidade dos vínculos. Como já referi, é preciso acabar com este sistema de “casa às costas” dos professores. Por isso, temos um conjunto de propostas a fazer aos representantes sindicais que passa por uma otimização dos concursos vigentes de modo a melhorar as condições de trabalho docente. Vamos aguardar pelas negociações para apresentar essas medidas.

O paradigma da educação em Portugal está a mudar a um ritmo acelerado e os próximos anos trarão consigo evidências que consolidam esta perspetiva. Em 2022, em plena era da informação e do conhecimento, urge repensar o currículo para uma educação de qualidade que forme e capacite as novas gerações?

Sem dúvida e isso encontra-se expresso no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, documento estruturador do currículo nacional, assente na identificação das competências necessárias neste contexto de grande transformação da nossa relação com o conhecimento. A aposta nas competências digitais, de docentes, através de um ambicioso plano de formação a nível nacional, e de alunos, através de medidas de abordagem ao currículo que envolvem o digital, a começar pela disponibilização de kits digitais e de uma adoção gradual de manuais digitais, são



© Tiago Araújo

uma presença constante das prioridades das políticas de educação. Por outro lado, são cada vez em maior número as experiências, com vantagens assinaláveis da introdução da programação informática ou da robótica ao nível, desde logo, do 1º ciclo. E neste sentido, sem nunca querer dizer que há algo positivo a retirar do terrível período pandémico que vivemos, é um facto que se provou que as competências digitais são necessárias e coadjuvam a aprendizagem, mas que são apenas instrumentais, nunca substituindo a função do professor.

Mais do que uma ferramenta de resposta às necessidades trazidas pela pandemia, o projeto Escola Digital pretende criar os alicerces que produzirão o cidadão resiliente, adaptável, inovador e digitalmente fluente, que se espera preparado, para este novo mundo?

Sim, mais do que uma resposta às necessidades trazidas pela pandemia. A Escola Digital veio para ficar e para ampliar as nossas capacidades de abordagem pedagógica.

Não há dúvidas de que a transição digital na educação avança. Depois da disponibilização de equipamentos informáticos a todos os alunos, urge agora a progressiva transição para manuais digitais, com a produção de recursos educativos digitais, com a desmaterialização de provas e exames, com a instalação de 1300 laboratórios digitais e o alargamento da rede de clubes ciência viva para fomentar o ensino experimental das ciências. 2022/2023 prevê-se um ano letivo mais “digital”?

Os recursos estão disponíveis, entre eles todos esses que enuncia e que tornam a escola mais rica por incluir ins-



© Tiago Araújo

trumentos e metodologias pedagógicos mais diversificados. Gradualmente teremos ambientes escolares mais digitais, mas sempre dependentes da presença de docentes qualificados no processo de aprendizagem e no acompanhamento de cada aluno.

Com o início das aulas, milhares de estudantes já têm os seus manuais escolares gratuitos, novos ou reutilizados, graças à atribuição de vouchers. Dos mais de cinco milhões de manuais escolares distribuídos no passado ano letivo pelos alunos do ensino obrigatório, foram reutilizados até agora 2,3 milhões, segundo dados do Ministério da Educação, que correspondem “a uma percentagem de cerca de 65% dos manuais a reutilizar”. Caminhamos, cada vez mais, a passos largos para uma Educação mais inclusiva e sustentável?

Sim, todos sabemos que os recursos naturais são finitos e que os processos industriais de produção de papel são muito pouco sustentáveis.

Falamos todos os dias da escassez de água, de combustíveis fósseis, da necessidade de procurar a viabilidade de produção de energias alternativas. No cumprimento dos Desafios das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, este era um caminho que tínhamos de fazer.

Que temos todos de fazer. E que vai além da contenção da despesa.

Vai no sentido de garantir um futuro do Planeta, que é uma mensagem que a geração que é a dos nossos alunos, e cada um de nós enquanto cidadão, tem de abraçar como um desígnio obrigatório.



© Tiago Araújo

M I G R A Ç Õ E S

Oito anos de Ei! ao serviço de Portugal e do mundo

No passado dia 16 de Setembro, a Ei! Assessoria Migratória celebrou o seu 8º aniversário e como é normal em aniversários, damos por nós a olhar para a realidade que nos rodeia em comparação ao que era há uns anos atrás, quando começámos com um pequeno escritório com meia dúzia de dossiers vazios à espera de se encherem de histórias. Quando abrimos pela primeira vez as portas, em 2014, tínhamos uma mis-

são que evoluiu a cada dia: sermos os facilitadores e o ombro amigo de quem nos procura. Esta missão mantém-se e oito anos passados, podemos dizer ter assistido, por um lado ao fluxo das tendências migratórias, por outro ao crescimento de Portugal graças à afluência de muita mão-de-obra qualificada proveniente de países terceiros, e como nos dias de hoje continuamos na vanguarda para a melhoria da imigração

sustentável e esclarecida.

Convidamo-lo a pensar connosco alguns dados estatísticos e a avaliar a posição de Portugal enquanto país onde, apesar de quaisquer obstáculos que tenham de ser superados, continuamos a ser o melhor país da Europa para criar novas raízes e em como a Ei! Assessoria Migratória se mantém fiel à missão que nos levou a abrimos as nossas portas para o mundo. Desde que estamos neste



© Tiago Araújo

sector, temos assistido ao crescimento gradual e contínuo do fluxo migratório, temos registados todas as alterações que se denotam de ano para ano, temos visto o crescimento da fama e reputação de Portugal aos olhos das restantes comunidades internacionais e temos orgulho de poder ter já uma voz ativa junto das entidades e das empresas que estão focadas em tornar os processos migratórios mais eficientes.

Vejamos, pois, alguns dados que evidenciam o que acabo de referir. Do ponto de vista da segurança, em 2019, ocupámos o 1º lugar de acordo com o World Security Threats Index e o 4º lugar no pódio no Global Peace e 2º no EU Security Threats Index.

É na soma de todos estes fatores, e de outros como o nosso património his-

tórico e cultural, as nossas paisagens, as nossas praias, o nosso custo de vida acessível, que tornam possível entender como mesmo durante este período confuso que o mundo vive, o número de cidadãos estrangeiros em Portugal tenha aumentado mais um ano consecutivo.

Em todo o tempo em que existimos, a Ei! Assessoria Migratória foi responsável por conseguir garantir o sucesso de cerca de 25% dos processos de AR para Atividade Profissional e 18% dos processos de Reagrupamento Familiar em todo o território português. Ademais possibilitámos que mais de 60 empresas em Portugal recorressem à contratação de mão-de-obra estrangeira, cerca de 2.500 colaboradores altamente qualificados fossem colocados em empresas de TI, que se esta-

belessem aproximadamente 1.000 de reformados vindos maioritariamente dos Estados Unidos, África do Sul e do Brasil e que se inscrevessem mais de 400 jovens estudantes nas escolas e faculdades. Mesmo neste cenário de adversidades, a Ei! Assessoria Migratória manteve-se fiel e determinada em cumprir com a sua missão utilizando todas as ferramentas profissionais e humanas que tinha à sua disposição contando atualmente com mais de 5.000 clientes, de 46 nacionalidades e com uma taxa de sucesso nos diversos processos migratórios de 98%.

Seja em período de guerra ou de paz, a Ei! continuará sempre aqui para si, para a sua empresa e para o crescimento sustentável de Portugal. Conte connosco, sempre.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Ensino e preconceitos



Ainda é bastante comum associar a emigração portuguesa a uma imagem pejorativa.

Um exemplo é a percepção que têm alguns responsáveis políticos sobre a forma como encaram o ensino de português no estrangeiro (EPE) quando este é dirigido a descendentes de portugueses. Neste preciso contexto, não têm receio em falar preconceituosamente de “escolas de gueto” que podem “potencialmente fomentar o insucesso escolar”. As

ideias veiculadas são essencialmente fundamentadas com base em dois elementos: em primeiro lugar, porque incentivaria a uma suposta falta de integração no país de acolhimento, e em segundo lugar, porque a aprendizagem de várias línguas poderia “baralhar as crianças”.

O mito do segundo argumento foi desmontado há largos anos por “n” estudos científicos. De facto, sabe-se hoje que a aprendizagem simultânea de várias línguas contribui para um maior desenvolvimento cognitivo das crianças.

Quanto ao primeiro argumento defendido por parte da classe política lusa, respondo primeiramente com base na realidade que melhor conheço: a experiência vivida por milhares de antigos alunos portugueses que, nos últimos 50 anos, seguiram na Bélgica aulas de língua e cultura portuguesas através da rede oficial do EPE. Ainda mantenho amizade com parte dessa gente que, com o passar dos anos, seguiu percursos profissionais muito diferenciados: informáticos, bancários, contabilistas, professores de francês e de história, trabalhadores na construção civil, marketers, webmasters, assistentes sociais, choferes de autocarros, advogados, médicos, educadores de infância, funcionários das instituições europeias, secretários,... A coisa até não correu muito mal para esses “filhos do gueto” para os quais não creio existirem problemas substanciais de integração.

Perfeitamente integrados no país para o qual os pais emigraram, estes jovens mantêm uma ligação forte com Portugal de tal forma que representam uma oportunidade considerável para o nosso país: constituem um ativo económico relevante pela frequência das deslocações que continuam a fazer a Portugal, por exemplo. Mas representam também outras oportunidades geopolíticas notáveis pois Portugal pode contar, além-fronteiras, com os tais “Embaixadores informais” em domínios como a cultura, a ciência, a política ou a economia, precisamente graças a essa ligação afetiva que se construiu e desenvolveu em grande parte através da aprendizagem da língua e cultura portuguesas na rede oficial do EPE.

Outro dado de relevo é a conclusão de um estudo que também veio contrariar outro mito. Efetivamente, uma publicação divulgada pelo Instituto Nacional de Estatística em 2017 avançava que “os descendentes de emigrantes têm um perfil escolar superior aos nascidos em Portugal e até ligeiramente acima da média europeia”.

Então porquê tanto preconceito em relação a este tema?

E porquê dar cada vez mais espaço ao ensino de português para estrangeiros ao mesmo tempo que se vai paulatinamente extinguindo o ensino de português para portugueses?

Aproveito esta última interrogação para concluir com uma convicção: a principal preocupação das Conselheiras e dos Conselheiros das Comunidades Portuguesas são as comunidades portuguesas. No mesmo sentido, seria oportuno que Governantes e Parlamentares com responsabilidades na temática das comunidades portuguesas se preocupassem menos com o ensino de português para estrangeiros para se debruçarem mais, e sem preconceitos, no ensino de português dirigido a crianças e jovens portugueses residentes nos 5 cantos do mundo.

Este é, conjuntamente com a revogação da propina, um dos principais desejos que tenho para os próximos 50 anos da rede oficial do ensino de português no estrangeiro.



Pedro Rupio

Presidente do Conselho Regional
das Comunidades Portuguesas na Europa

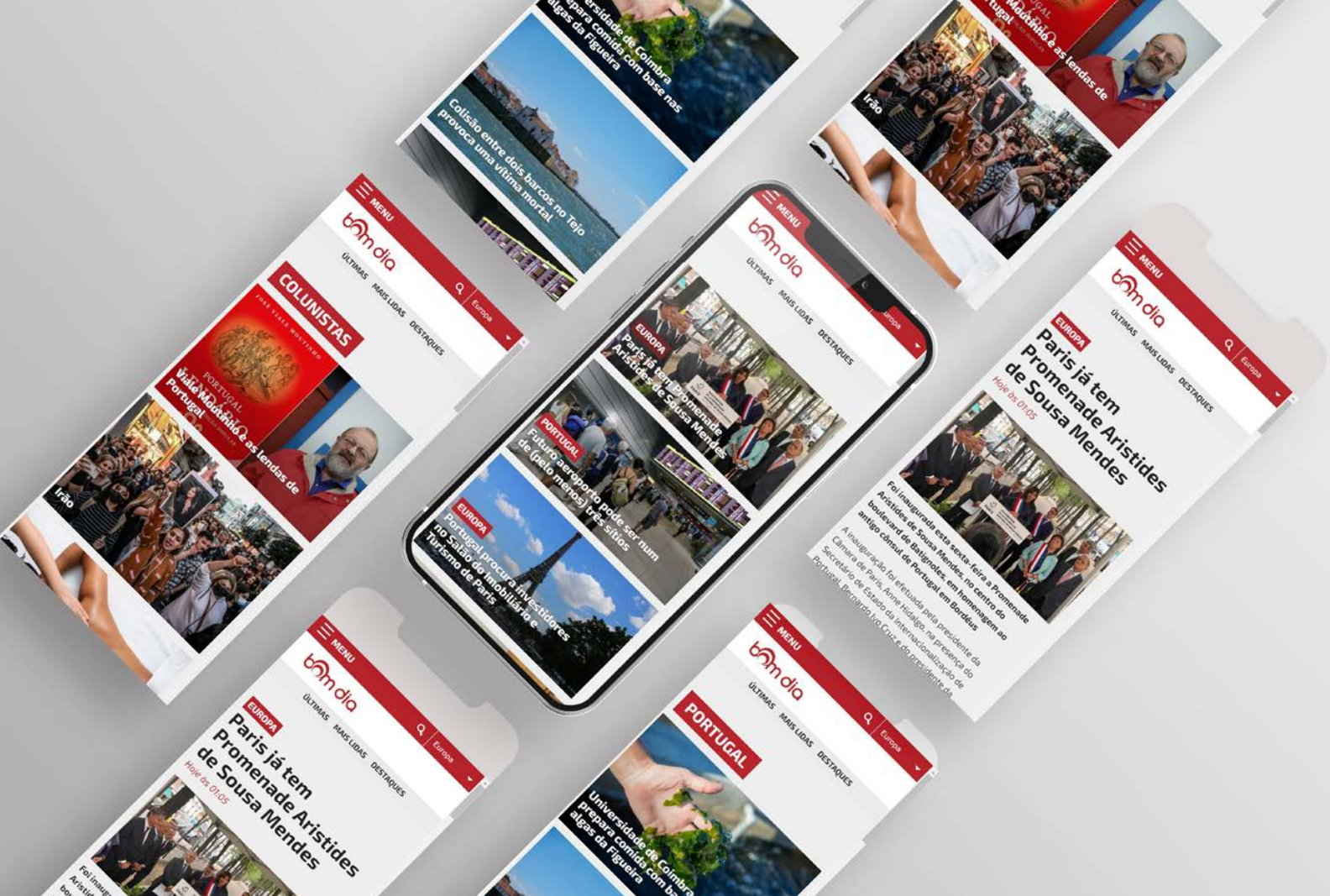
¹ <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/lusodescendentes-sao-mais-educados-que-os-nascidos-em-portugal>

OS MEDIA DE LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

Bom dia Luxemburgo



Jornal online, 35.000 visitantes únicos por dia,
mais de 350 mil seguidores nas redes sociais



Quando foi fundado o *Bom dia* e como se iniciou esse projeto?

O *Bom dia* surgiu em 2001 pela mão de um luxemburguês pioneiro nos serviços online que achou estranho não existir um jornal na Internet num país com tantos portugueses. Patrick Kersten juntou um grupo de portugueses para criarem o site e o seu conteúdo que, então, se resumia à cobertura de eventos da comunidade portuguesa. Meses depois, por razões profissionais, Kersten entregou o projeto aos portugueses que nele colaboravam e que criaram a associação Bomdia.lu asbl que ainda hoje tem a propriedade do jornal.

O online foi uma escolha inicial? Porque não o papel?

O jornal foi criado para preencher um vazio no online. Estamos a falar de 2001, o online para alguns ainda era uma moda, mas pareceu-nos uma escolha óbvia a todos. Várias vezes a “tentação do papel” passou pela cabeça dos dirigentes do projeto, mas os seus custos e o facto de querermos fazer algo de inovador pesaram mais e mantivemos o projeto exclusivamente online.

O *Bom dia* dedica-se à cobertura da atualidade nas comunidades portuguesas mas com maior destaque em 6 países, Alemanha, Bélgica, França, Luxemburgo, Reino Unido e Suíça. Existe alguma estrutura jornalística/correspondentes em cada um destes países? Como é feita a cobertura noticiosa?

O *Bom dia* tem uma pequena equipa de jornalistas assalariados e uma vasta rede de colaboradores. São mais de 100 pessoas que na Europa (e alguns noutros continentes) comunicam graças às redes sociais e reúnem regularmente de forma virtual. Muito antes da pandemia, o *Bom dia* já trabalhava de forma completamente virtual, com reuniões à distância.

O *Bom dia* é um bom exemplo de que o online pode ser comercialmente rentável. Qual foi a fórmula encontrada para o vosso sucesso?

As dificuldades são imensas. Se não fosse o trabalho voluntário de muitos dos colaboradores, o jornal *Bom dia* não seria o que é. Os funcionários do *Bom dia* são excelentes e profissionais, mas a maioria dos colaboradores trabalham num espírito de voluntariado, à boa maneira do velho as-



<https://bomdia.eu>

sociativismo da diáspora, ou seja, sem remuneração. Essa é a fórmula, à qual acresce uma estratégia clara: nunca nos endividámos, ou seja, só lançamos projetos quando a tesouraria o permite.

Quais foram os momentos mais positivos que destaca ao longo destes mais de vinte anos e os menos positivos?

O prazer de receber reações positivas de leitores de todo o mundo é o aspeto mais positivo do projeto; mas não é o único. A vasta equipa de colaboradores do *Bom dia* é também uma verdadeira família que se apoia, entreaajuda e cresce junta. Os pontos negativos são o imenso investimento de tempo que o projeto exige em determinados momentos.

Durante estes anos com certeza que surgiram histórias de cumplicidade com os vossos leitores. Conte-nos alguma que tenha ficado na memória.

Muitos dos nossos colaboradores atuais são antigos leitores. Um dia um leitor veio a uma das nossas reuniões de redação pedir um estágio para o filho, mas foi ele próprio

que se tornou repórter do jornal. E, além disso, conheceu a atual esposa graças ao *Bom dia*, e tiveram uma filha: um “bebé *Bom dia*”.

Que projetos a curto/médio prazo para o *Bom dia*? A aposta no vídeo vai ser maior?

A aposta nas redes sociais tem de ser atualizada e revista continuamente. Neste momento o vídeo é rei, por isso teremos de nos adaptar a essa realidade, apesar de ser um desafio difícil em termos de tempo investido e na formação que é necessária para os colaboradores.

O *Bom dia* já se tem aventurado, por causa de trabalhar muito os vídeos, em projetos mais sérios de produção, tendo já realizado alguns documentários.

Outro caminho deverão ser os podcasts, uma tendência que, ao que parece, veio para ficar.

Uma mensagem para os vossos leitores.

Continuem a ler-nos, a seguir-nos, que nós prometemos continuar a informar e entreter cada vez mais e melhor.



Raúl Reis, Diretor do *Bom dia*

Há mais de 30 anos a viver no estrangeiro (Espanha, Áustria, Bélgica e Luxemburgo) Raúl Reis trabalha para a União Europeia mas apaixonou-se pelo jornalismo aos 16 anos numa rádio pirata e acabou por investir todo o seu tempo livre no primeiro jornal em linha das comunidades portuguesas, o *Bom dia*. Apaixonado por cinema acha que não há melhores férias do que 10 dias por ano no festival de Cannes ou as vindimas nas vinhas de Felgueiras onde nasceu.

| ARTES E ARTISTAS LUSOS

Erika Jâmece

Facebook

Instagram



Nasceu em Luanda no dia 11 de Julho de 1977, tendo realizado a sua formação nos domínios das artes e da estética em diversas instituições, sendo relevantes as suas passagens pelo INFAC – ENAP (Instituto Nacional de Formação Artístico e Cultural – Escola Nacional de Artes Plásticas – Luanda – Angola) 1996/2000 e pelo INEP (Instituto de Ensino Profissional Intensivo – Lisboa – Portugal) 2003. O percurso pelas artes plásticas, é marcado pelo empenho e progressão na descoberta, num processo de autoformação, criando a sua própria técnica não enfeudada aos cânones mais convencionais da academia. Erika Jámece é um espírito livre. A sua espontaneidade e infindável criatividade são traços de personalidade vincados, que se transpõe para a sua obra. As suas raízes e a sua relação com o que de mais genuíno existe nas tradições do seu povo atravessam a sua obra.

Como nasceu a sua paixão pela pintura?

De muito tenra idade. Sempre criei e tive um mundo só meu enquanto pequena, desenvolvi e aperfeiçoei este amor pelas artes e a pintura em particular.

Quais foram as principais influências das artes plásticas na sua pintura? Porquê?

Foi conhecer primeiro a sua obra, depois a essência do artista, a paixão pela sua técnica, sua forma de pintar vigorosa, solta, agressivo nas pinceladas e nas espátulas, este pintor é Vincent Van Gogh.

Depois fui tendo outras referências de pintores angolanos e internacionais, que alguns deles foram meus professores, Jorge Gumbe, Van, Álvaro Macieira, Francisco Vidal, Lady Skollie.

Participa frequentemente em ações diversas ligadas às artes plásticas e não só. A cultura tem uma grande importância na sua vida?

Sempre que posso e tenha convites e projetos, estou sempre ligada de todas as formas à arte. Fico realizada, empolgada pronta para desafios culturais.

Eu sou arte, eu respiro arte, eu danço com arte, eu visto-me com arte, gosto de representar com arte, este é o meu modo e a importância que a cultura representa para mim.

Participa frequentemente em exposições coletivas. Quais são as principais diferenças em relação às exposições individuais e que qual foi aquela que a marcou mais? Porquê?

Participo e sempre participei em muitos exposições coletivas, e gosto bastante, de partilhar

os espaços com artistas, de sentir o namoro entre as obras, a química entre elas, é fabuloso. Agora fazer uma exposição individual, tem um trato diferente, responsabilidade acrescida, dedicação,

são meses por vezes um ano inteiro a preparar uma coleção para o momento, há uma entrega total.

Sou um pássaro livre e gosto de sentir as minhas obras em grandes voos.





O que mais gosta em Portugal e Angola e o que menos gosta nos dois países?

Gosto da vida Lisboaeta, gosto de andar por Lisboa de conhecer pessoas e ser feliz.

Angola é a minha terra mãe, minha inspiração, meu palpitar na madrugada, gosto do sol e das praias, saudades.

Em Portugal o que me mata mesmo é o frio.

Em Angola a falta de saúde, a fome, o descaso.

A exposição itinerante Obras de Capa iniciou a sua viagem pelo mundo, estando prevista a inauguração da sua exposição no Centro Cultural do Camões em Vigo ainda este ano. Fale-nos um pouco da sua envolvimento neste projeto, e o que pensa deste formato para a divulgação dos artistas plásticos?

É um projeto muito envolvente e abraçado logo por mim no primeiro instante.

Obras de capa é um projeto super dinâmico, porque assim eu o fiz, temos que criar 12 obras para os 12 meses do ano, as obras foram todas pintadas sobre Estória e contos e numa sequencia muito rápida, desenhei as cinco primeiras obras no mesmo instante, o que me deu bastante prazer criativo e pictórico. No meu ponto de vista este formato para a divulgação dos artistas e da arte no seu todo, é inovador, diferente, espetacular, ou seja amei e amo a experiência.



É possível viver em Portugal só da pintura?

É possível nos dias de hoje viver só da pintura em Portugal e em qualquer parte do mundo, só que o artista tem que ter Know-how e trabalhar com as pessoas certas no mercado.

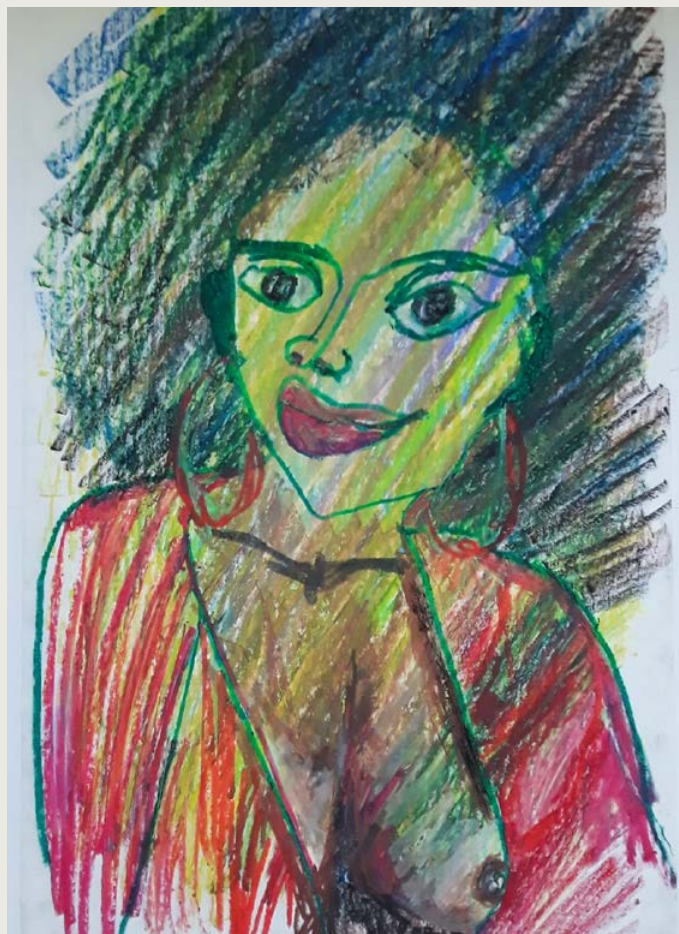
É conhecida nos círculos artísticos como a Rainha do “Hongolo” (arco-íris em kimbundo). Foi por causa do cromático das suas obras que granjeou esse título?

A forma como me apresento nos eventos, meus ou de outros, tem um estilo próprio, característico meu, alegre, colorida, a começar nas bijuterias que na sua maioria são feitas por mim e no toque final das roupas que eu própria pinto. Hoje tenho a minha marca de

bijuterias e acessórios “HONGOLO”. E assim a Rainha das cores do sorriso fácil chegava, depois foi só pesquisar as línguas nacionais faladas e escritas até hoje em Angola, a que me suou melhor, e a palavra, ficou.

Quais são os seus projetos para 2023?

Em relação à exposição “Obras de Capa” em que a itinerância arranca ainda este ano com uma exposição no Centro Cultural do Camões I.P. em Vigo, aguardo a confirmação de vários locais para expor no próximo ano. Está agendada também uma exposição coletiva para fevereiro no Luxemburgo e ainda o projeto expositivo “Realces” que terá a sua inauguração no próximo ano também. Vai ser uma agenda cheia.



Pensa regressar um dia a Angola para ficar a viver?

Penso muitas coisas uma delas é ir a Lua!

Qual é o seu maior sonho?

Ter saúde, dinheiro para criar os meus filhos e expor no Museu do Louvre.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Não permita que digam que a sua obra é uma merda!

Trabalhe muito, pinte muito, pesquise muito!

O dia do seu sucesso irá chegar!



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

A M B I E N T E

A grande viagem da água

É do senso comum – a água é um recurso natural estratégico e escasso, que deve ser utilizado de forma sustentável.

Desprovida de sabor, de cor e de odor, a água é a bebida mais consumida no mundo, desde os primórdios da humanidade. Talvez por ser gratuita em alguns locais, barata noutros, ou talvez nem seja por nada disso...

A falta de água, que era motivo capaz de reunir os povos antigos, em locais sagrados, entre rezas e clamores, para pedirem chuva é, para o povo de hoje, fonte de lamentos na solidão das redes sociais.

A água, purificadora dos pecados na religião cristã

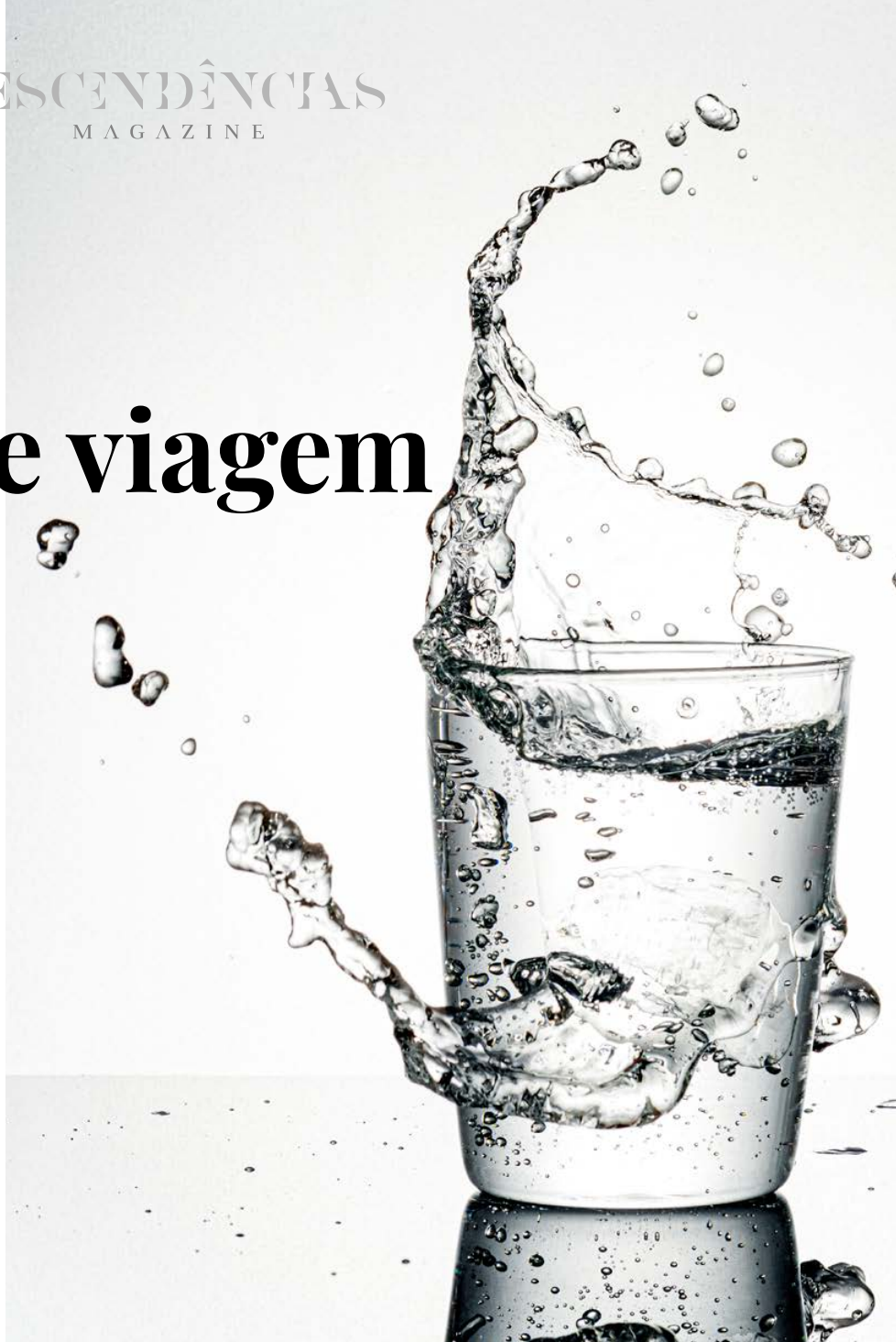
que, pela mão de João Baptista, baptizou Jesus nas margens do Rio Jordão – esse rio que corre hoje com menor intensidade, também ele vítima das disputas territoriais do conflito israelo-palestiniano, dos desvios de água, da constante poluição e das consequências das alterações climáticas – é a mesma água que circula no Ganges, o sagrado rio dos hindus, que terá tanto de sagrado como de poluído, sendo mesmo o mais contaminado do mundo. Os crentes hinduístas acreditam que ao se banharem nas suas águas durante o festival de Maha Kumbh Mela, ficarão livres dos seus pecados. O Ganges é, per se, o expoente máximo de rio sagrado. Sagrado na vida e sagrado na morte. Um rio onde se banham os vivos e se lançam os mortos, cremados em balsas. Um rio que serve de última morada aos mortos humanos, mas também é o destino final de vacas sagradas. E, a água do

Ganges, tudo leva, em direcção ao mar...

Além da simbologia para a religião cristã e para o hinduísmo, a transversalidade espiritual da água tem um significado ímpar entre os elementos do Universo. Tanto está presente nas fontes das mesquitas islâmicas, como no ritual judaico da lavagem das mãos; tanto está nas ofertas aos Orixás das religiões afro-brasileiras, como no copo de água fresca oferecida ao Gohonzon (supremo objecto de adoração budista). Para as religiões indígenas, a água é o espírito que concede o dom da vida a todos os outros seres.

A água, que era vista como um precioso líquido sagrado por muitas religiões e civilizações ancestrais, alimenta hoje grandes indústrias alimentares ligadas à agricultura e à pecuária.

Grandes personalidades da Antiguidade Clássica (Gale-





no, Plínio – o Velho e Hipócrates, entre outros), fizeram referência, nos seus escritos, sobre quais seriam as melhores águas e a sua influência na saúde humana. Importa ressaltar que, naquela época, já havia uma preocupação acrescida com a contaminação provocada pelos canos de chumbo.

Por mais voltas que dê, a água, que corre por regos, regatos, ribeiros e rios, é sempre a mesma água.

A água, que alimentou as termas por todo o império Romano, onde imperadores se banharam, relaxaram o corpo e revitalizaram a alma – onde em muitos desses “banhos públicos” se podia ler – “Sanus per aquam” – a inscrição romana que significa “a saúde pela água”, que deu origem à sigla moderna dos “SPA’s” – corria, lado a lado, com a

água dos grandes aquedutos do império e era a mesma água que os incas encanaram em sustentáveis sistemas de irrigação através das terras áridas do Perú. A água que os egípcios armazenavam para uso em períodos mais secos, aproveitando as enchentes do Nilo, era a mesma que os árabes traziam à superfície através de sistemas elevatórios movidos por animais ou pela mão humana.

A água, que noutros tempos movia rudimentares azenhas, moinhos, picotas e noras, move hoje modernas e sofisticadas turbinas, donde sai uma parte considerável da eletricidade que faz andar o mundo.

A água, que no século XIII passou pelos canos de chumbo da “Great Conduit”, desde o rio Tyburn até à grande cidade de Londres, mais não era que a “outra água” que saía



de Roma em direcção ao rio Tibre, pela “Cloaca Máxima” – um dos maiores e mais antigos sistemas de esgoto do mundo.

A água é vida e, num ciclo infinito, retorna sempre ao lugar onde nasceu. E, numa espécie de desafio ao provérbio popular, passa duas e até mais vezes, debaixo da mesma ponte.

A água, que sob a forma de nevoeiro alimentou o mito de D. Sebastião, que tarda em chegar de Alcácer Quibir, assim como tarda a chegada de melhores dias que façam esquecer a actual crise mundial, mais não é que a que enche a imensidão dos oceanos ou goteja na torneira da aldeia mais recôndita.

Ora transformada em gelo cristalino, ora em bruma da manhã, a água é delícia de fotógrafos e musa inspiradora de artistas e poetas.

A água, sempre a mesma água – esse elemento natural e vital que, corre, corre sem parar, num ciclo infindável – sobre a qual Victor Hugo escreveu: “A água que não corre forma um pântano, tal como a mente que não trabalha forma um tolo.”! E nós, como não somos, nem queremos ser, uns tolos aprisionados em mentes estáticas e insensíveis, precisamos trabalhar no sentido de encontrarmos novas formas de rentabilização e poupança de água, pois, a acção enérgica de hoje, garantirá o futuro, amanhã!



Vitor Afonso
Mestre em TIC

Conheço o sal

*Conheço o sal da tua pele seca
depois que o estio se tornou inverno
da carne repousada em suor nocturno.*

*Conheço o sal do leite que bebemos
quando das bocas se estreitavam lábios
e o coração no sexo palpitava.*

*Conheço o sal dos teus cabelos negros
ou louros ou cinzentos que se enrolam
neste dormir de brilhos azulados.*

*Conheço o sal que resta em minha mãos
como nas praias o perfume fica
quando a maré desceu e se retrai.*

*Conheço o sal da tua boca, o sal
da tua língua, o sal de teus mamilos,
e o da cintura se encurvando de ancas.*

*A todo o sal conheço que é só teu,
ou é de mim em ti, ou é de ti em mim,
um cristalino pó de amantes enlaçados.*

Jorge de Sena

| SAÚDE E BEM ESTAR

O Acolhimento Residencial

Pensamentos de um jovem a residir numa Casa de Acolhimento



© Stockphoto

Chamo-me Fábio Micael, tenho 17 anos e vivo em colégios desde os 11 anos, mais exatamente desde o dia 1 de Agosto de 2008, quando fui retirado ao meu pai, tinha 11 anos. Já passei por outras duas instituições e desde o início do

verão que me estou a adaptar a esta. Prometeram-me que será a última, mas é difícil acreditar nos adultos. Desde que saí da casa do meu pai, já conheci mais senhoras da limpeza, monitores, auxiliares, educadores e doutores do

que sei lá o quê! E quando me começo a habituar e a confiar numa ou noutra pessoa, a história repete-se. Por falar em história, vou abreviar a minha, até porque não é nada de especial.

Nunca conheci a minha mãe e o meu pai sempre me disse que é melhor assim! Antes de ir para o primeiro colégio, estava com o meu pai que tratava de se embriagar logo pela manhã.

Também lá vivia a minha madrasta que me odiava, apenas porque eu era filho do meu pai e porque ele lhe dava porrada quase todos os dias e depois ela descarregava em mim com o que tinha à mão. Não me lembro de algum dia terem trabalhado. Aquilo era um nojo! Detestava voltar depois das aulas e ver o mesmo filme todos os dias. Às vezes tinha que pedir comida aos vizinhos porque a minha madrasta dizia “que não lhe apetecia cozinhar para um bêbado e para um filho que nem sequer era dela e que mais cedo ou mais tarde ia ser igual ao pai”.

Comecei a faltar às aulas e andava com outros putos a fumar charros e a fazer porcarias. Como não tinha dinheiro para comprar roupa de marca, roubava no Colombo e no Vasco da Gama. Quando o meu pai sabia que não ia à escola, no outro dia o meu corpo enchia-se de nódoas negras. Acho que a minha madrasta estava certa!

Um dia, as assistentes foram lá a casa e avisaram o meu pai e a minha madrasta que tinham que mudar algumas coisas e que eu não podia continuar a faltar às aulas. Mas eles não quiseram saber e alguns meses mais tarde levaram-me para uma instituição onde viviam para aí uns 50 putos. Depois fui para outro colégio, pior que o primeiro. Odiei!

Na primeira instituição, ainda com

11 anos, estava cheio de problemas. Passados seis anos, já perdi a conta às fugas, às ganzas e aos roubos. Já me disseram que devo ir para um Centro Educativo, mas também já não quero saber.

Vou contar algumas coisas dessas instituições. Por exemplo, os adultos davam-me carolos e quando os enervava e os mandava à merda, eles também me mandavam a mim. E eu depois ria-me e eles ainda ficavam mais furiosos.

Outras vezes, porque não ia à escola ou porque não respeitava algumas regras obrigavam-me a ir para a cama logo a seguir ao jantar. Passavam o tempo zangados, a gritar e a chamar o segurança quando os mais velhos se começavam a passar da cabeça. Havia um ou outro adulto, que até parece que provocava. A sorte deles é que eu era um puto de 12/13 anos. Se fosse mais velho, “fazia-lhes a folha”.

Às vezes, a meio da tarde tinha fome, mas diziam que não podia comer fruta, porque era uma regra e porque se todos os jovens pedissem fruta à tarde, depois acabava por faltar... como se houvesse muitos rapazes a pedir fruta para comer a meio da tarde!?

Muitas vezes andava com os ténis rotos e eram os outros rapazes que me emprestavam roupa, porque diziam que naquele mês já não havia dinheiro.

Nestes colégios andávamos muitas vezes à porrada, nem que fosse para sair da pasmaceira, porque de resto, era TV e Play Station....e castigos, muitos castigos! A instituição estava toda partida, com os rapazes a darem murros e pontapés em tudo o que nos aparecia à frente. Mas os adultos também não se entendiam. Cada um fazia

o que queria. Só falavam dos horários, dos outros colegas que trabalhavam menos tempo e coisas dos turnos que eu não percebia muito bem. Esqueciam-se regularmente de lembrar os jovens das consultas de psicologia e nós até não nos importávamos nada, porque eram uma seca. E se eles se esqueciam, era porque não deviam ser importantes!

Quando chegávamos ao colégio mais cedo da escola, era raro perguntarem porque estávamos em casa aquela hora, e nós agradecíamos, porque muitas vezes baldávamo-nos e queríamos era vir para casa jogar play e ficar em frente à televisão, a pensar em nada! Alguns até diziam que acreditavam em nós. O problema era quando alguém fazia porcarias. Passávamos de meninos bacanos a bandidos com o destino traçado. Nessas alturas era só dar moral e castigos que podiam demorar semanas sem telemóveis ou obrigarem-nos a escrever 500 vezes, numa folha, que não nos podíamos portar mal.

Os adultos andavam sempre stressados e com um ar zangado e passavam a maior parte do tempo na sala dos adultos, a falar dos problemas dos adultos. Quantas vezes cheguei aos gabinetes para dizer alguma coisa e ouvi:

- Agora não Micael. Tens que saber esperar Micael. Agora não dá!

E depois achavam-se no direito de dar moral e de exigir que nos portássemos bem e que confiássemos neles, porque era uma sorte estarmos na instituição e que se calhar merecíamos era voltar para a nossa família. Quanto menos conversas, melhor para eles e sinceramente para mim também!



© Stockphoto

Às vezes gozava com eles. Dizia-lhes que já tínhamos comido a papinha toda, já tínhamos feito cocó e que já podíamos ir dormir no nosso soninho... e eles também! Sim, porque havia alguns que dormiam nos turnos da noite. Alguns pareciam não ser humanos, tal a distância das crianças e a certeza que tudo o que faziam por nós era fantástico e quase de outro mundo. Como se o fato de estarem ali fosse o suficiente. Se assim fosse, podiam substituí-los por Pit Bulls.

Tantas vezes pensei que se fosse mais novo, se calhar podia ter ido morar para casa de uma família que quisesse uma criança para tomar conta e que me desse condições diferentes de uma instituição, onde estão mais 30 ou 40 miúdos com problemas iguais ou piores que os meus. Por outro lado, não tinha que partilhar o quarto (sem privacidade e com paredes vazias) com mais três ou quatro rapazes e onde ninguém se preocupava.

Quanto ao meu pai, ainda me visitou algumas vezes, mas acho que as senhoras da assistência e os técnicos da instituição nunca perderam muito tempo com ele e achavam que nunca iria deixar de beber. Só o criticavam! Os técni-

cos têm a mania! Acho que isso deve ter ajudado a que o meu pai também acabasse por nunca mais querer saber de mim.

Mas passemos à razão de estar a escrever este texto. Para isso, vou contar como foi a noite de ontem. A minha noite de ontem foi mágica! Ontem à noite tive um sonho e no meu sonho, estava a viver noutra instituição. Aliás, no meu sonho aquele sítio onde eu vivia não era como uma instituição. Ou então, até podia ser, mas em bom! No meu sonho decidi chamar ao sítio onde eu vivia “Casa”.

Adiante, no meu sonho, eu sabia que aquela “Casa” era mesmo a última por onde passava. Se tudo corresse bem, a próxima “etapa” seria morar num apartamento de autonomia, até conseguir terminar o curso, ter um trabalho e dinheiro para alugar uma casa ou um quarto só para mim. E sabia isto tudo, porque logo nos primeiros dias, os adultos da “Casa” falaram comigo sobre alguns objetivos para o meu futuro.

Nesta “Casa”, viviam mais sete rapazes. As pessoas que lá trabalhavam, homens e mulheres, eram quase sempre simpáticas e estavam disponíveis para me ouvir. Todos



© Stockphoto

os dias me faziam perguntas sobre as aulas, as consultas, amigos, treinos de futebol e como eu me sentia. Às vezes até se tornavam “chatos”!

Falávamos sobre como era a minha vida quando vivia com o meu pai. Ajudavam-me a pensar que apesar de não poder estar com ele, o fato de conhecer outras pessoas que cuidavam de mim, podia ser uma oportunidade para que mais tarde eu ganhasse a minha autonomia, ser independente e fazer com os meus filhos algumas coisas diferentes. Estes adultos dos meus sonhos, tinham uma conversa positiva e sentia que estavam ali para me apoiar. Alguns faziam-me rir à gargalhada. Quando fazia asneiras (e no meu sonho também fazia muita porcária), depois chegava a casa e eles já sabiam quase sempre o que se tinha passado. Não sei como é que eles descobriam. Só sei que quando chegava a “Casa”, “levava nas orelhas”. No entanto, sentia que eram tolerantes, que me compreendiam e que estavam do meu lado. Percebia que eles estavam mais preocupados em que eu mudasse os meus comportamentos, do que propriamente nas asneiras que eu fazia.

Apesar dos “ralhetes”, havia sempre uma mensagem de

esperança... e isso era tudo o que eu nunca tinha tido até. Achava que era uma merda de um puto e que tudo que sabia fazer era roubar, gozar com os professores e fumar ganzas. E nisso eu era bom!

Nesta “Casa” eu sabia que todos os adultos agiam mais ou mesmo da mesma maneira com os miúdos. Não havia pessoas que me deixavam ver televisão e ter os mesmos direitos dos outros jovens, caso me tivesse baldado à escola. Não dava para os enganar e nunca mostravam medo, quando alguém se esticava.

Uns trabalhavam de manhã, outros à tarde e outros à noite. Quem terminasse o trabalho ficava sempre algum tempo a conversar com quem ia começar. Todos sabiam das coisas de todos os jovens, fosse pelas conversas que tinham, fosse pelos registos escritos. E esta atenção, dava-nos segurança.

Depois havia reuniões todas as semanas. Por vezes, um dos jovens também participava e falava dos nossos problemas e reivindicações.

Noutras reuniões vinha uma espécie de supervisor e que ouvia os adultos da “Casa” a falar sobre os jovens e sobre



© Stockphoto

os stresses entre os próprios adultos. Às vezes eu ficava um bocadinho atrás da porta a ouvir. Dava para perceber que todos davam a sua opinião.

Todas as noites havia uma reunião com todos os miúdos, onde se falava de tudo e de nada. Nessas reuniões, aprendi a estar em grupo, a ouvir os outros, a respeitar opiniões. Aprendi a esperar pela minha vez para falar e a fazer críticas sem ser só para deitar abaixo.

Nos muitos momentos com os adultos desta “Casa”, eles ensinaram-me a pensar nas coisas más da minha vida, que era tudo aquilo que eu achava que não queria! Ajudavam-me a consertar o que eu partia e explicavam-me sempre porque é que era importante conversar depois das minhas fúrias e pensar em fazer diferente da próxima vez. Muitas mais eram as vezes em que, mesmo nesta “Casa” me apeteceu partir mais coisas ou mesmo bater nos adultos. No entanto, raras foram as vezes em que foi necessário agarrarem-me e/ou levarem-me ao chão para me conterem.

Não sei bem explicar, mas havia alguma coisa nestes adultos e na nossa relação que me acalmava e muitas vezes me fazia parar a tempo. Algumas foram as vezes em que me contiveram fisicamente e me acompanharam até ficar mais calmo. Depois da “tempestade”, ficavam no quarto comigo e no final da conversa diziam-me sempre que

da próxima vez, eu iria conseguir fazer diferente. Aqui, eu podia ir à cozinha e comer fruta quando eu quisesse.

Tinha um quarto só para mim e nas paredes havia pósteres do William Carvalho, uma bandeira da Argélia em homenagem ao ponta de lança do Sporting, Islam Slimani e algumas fotografias com a namorada e amigos na “night” (sim porque deixavam os miúdos mais velhos sair à noite nalguns fins de semana, quando cumpríamos com as nossas responsabilidades básicas). Podia estar no meu quarto a descansar, sempre que quisesse, tal como os jovens devem fazer quando estão nas suas casas.

A comida era feita na “Casa” e em cada dia da semana, um dos jovens escolhia a refeição da noite. Com a ajuda dos educadores e de outros jovens, preparávamos o jantar.

Semanalmente ia a um psicólogo, com quem simpatizei desde a primeira consulta. Se não tivesse sido assim, se calhar não tinha lá voltado. Ao longo do tempo, percebi que ele não me criticava, mesmo quando lhe contava as porcarias que fazia.

Os técnicos, adultos mais próximos da minha família, pediram a minha opinião sobre a possibilidade de voltar a ver o meu pai e tiveram-na em conta. Têm tido reuniões regulares com ele. No meu sonho, ele tinha deixado de beber e eu estava com ele com regularidade.

A “Casa” era o meu porto de abrigo. Era lá que estavam os



© Stockphoto

adultos que considerava como referência para mim. Apesar de não serem meus pais, passados 6 anos, era neles que eu confiava verdadeiramente. Eram eles que me confrontavam e confortavam com as suas ideias e me diziam o que, a seu ver, poderia ser certo ou errado para mim. Eram eles que me davam conselhos e que me transmitiam valores. E mesmo que eu não concordasse, precisava que me estivessem sempre a orientar, como uma espécie de comboio, meio descontrolado, que mais do que ser travado, precisava que o guiassem para as estações mais adequadas.

Quando era pequeno, sonhava várias vezes que voava. Já lá vai o tempo que deixei de ter esse sonho! Aliás, já lá vai o tempo, que os únicos sonhos que tenho estão associados aos pesadelos da minha vida.

Até ontem à noite! Ontem à noite tive um sonho. Será que um dia este sonho passará a ser real? E se assim for, quanto tempo levará a acontecer?

Dizem os sábios que o caminho faz-se caminhando...

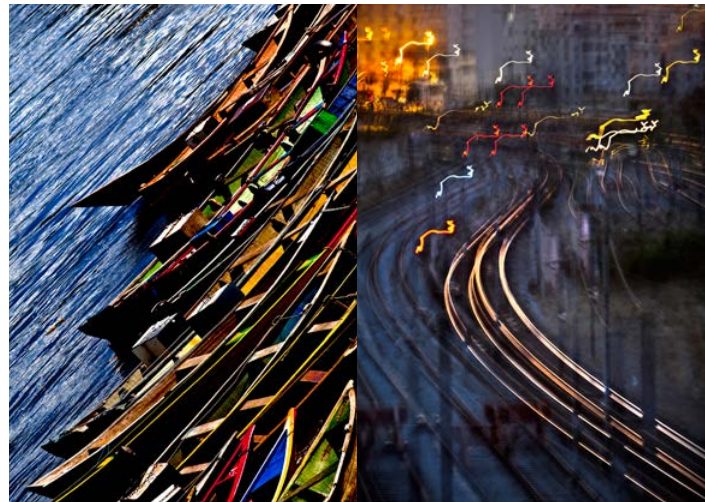
Micael



Nuno Eduardo Pereira
Psicólogo/Terapeuta Familiar

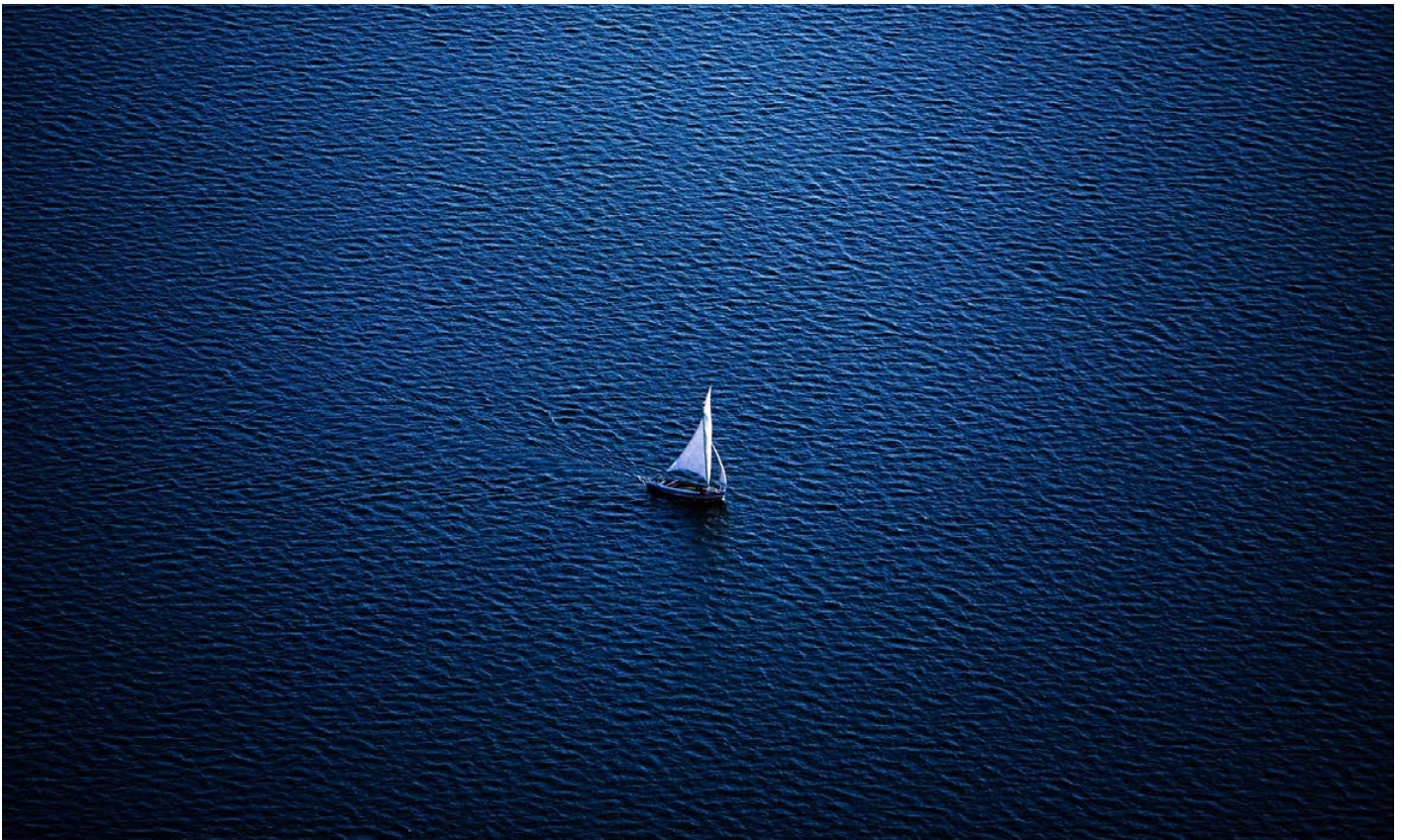


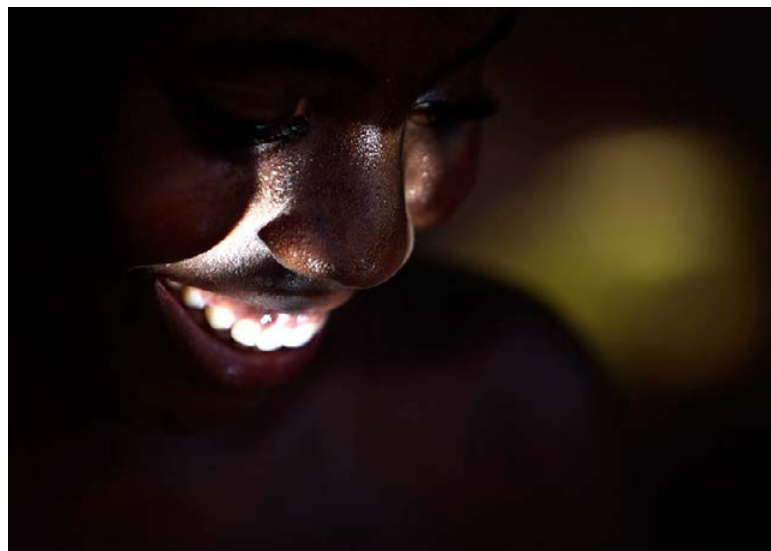
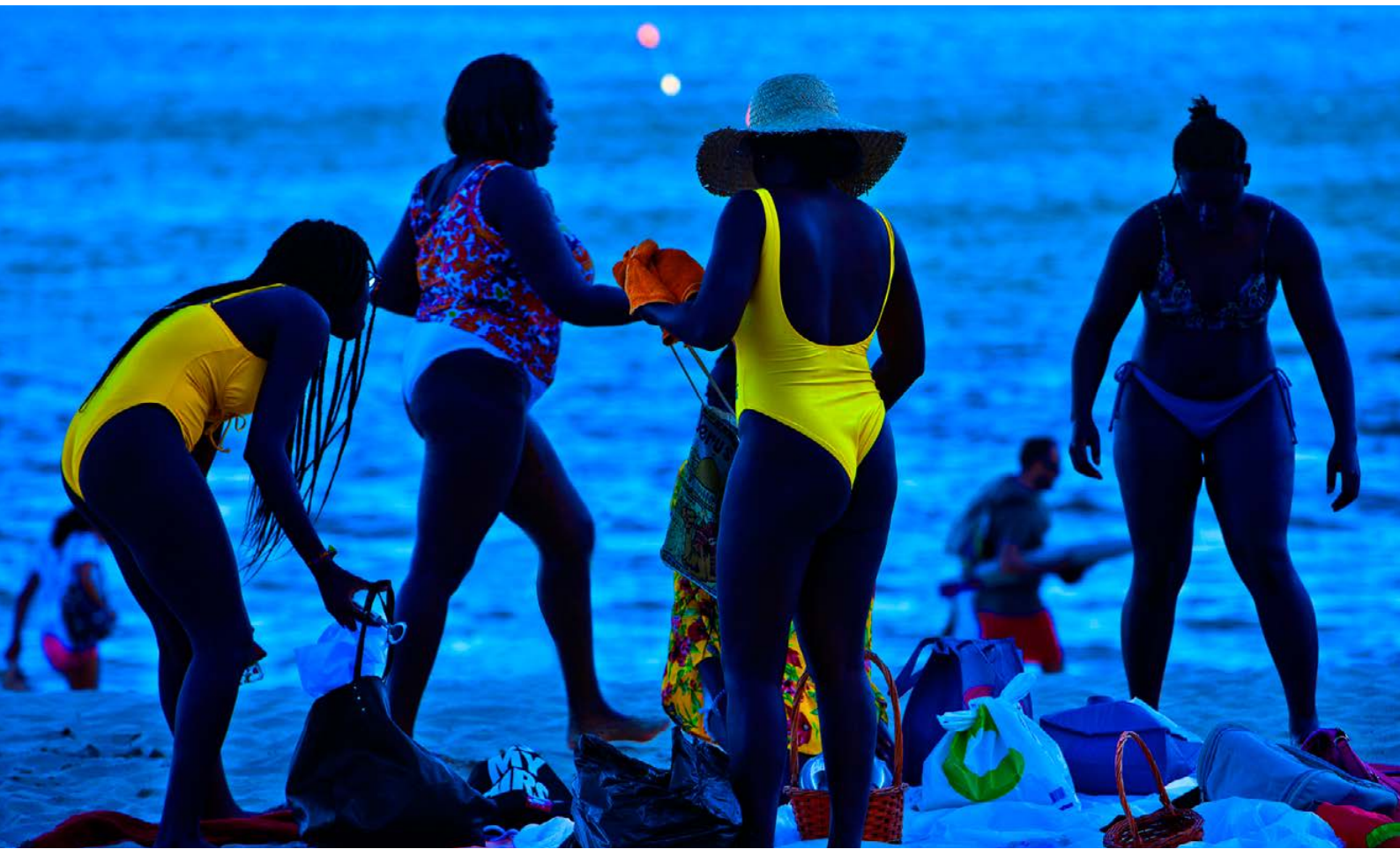
PELA LENTE DE
Almir Bindilatti



DESCENDÊNCIAS

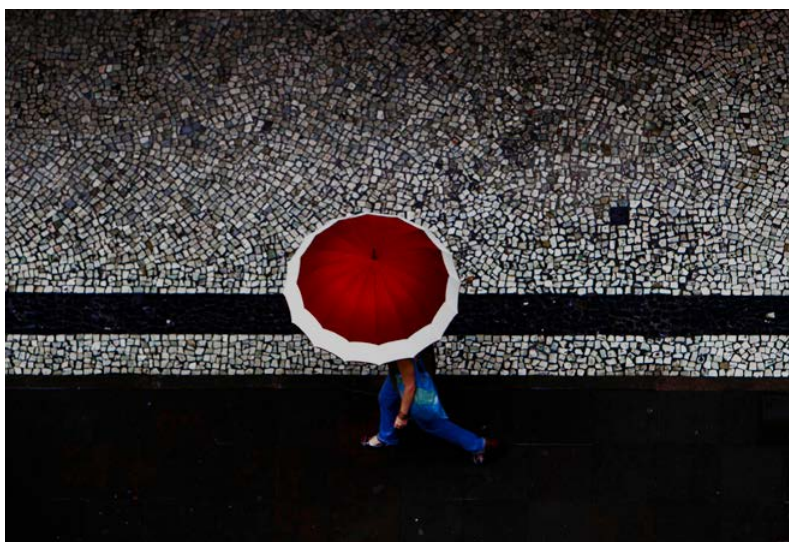
MAGAZINE







Na busca pelo flagrante natural dos gestos humanos, Almir intenta a plenitude abrigada nas manifestações de seus personagens. Tal percepção aponta a todo instante para uma noção de alteridade que implica no respeito e na preservação dos domínios íntimos do Outro, então mostrado pelas lentes. Penetrar na esfera alheia requer também certo tempo de maturação, permitindo com que as pessoas continuem vivendo suas sinas com o crivo da espontaneidade. É um hiato preciosamente marcado pela espera e pelo silêncio, no qual o trunfo do fotógrafo é colocar em evidência o momento que melhor retrate a existência humana.



Sem dúvida alguma, o viés antropológico permeia o ofício de Almir, qual seja o que denota o respeito a culturas e modos de articulação do ser e estar distintos na complexa paisagem urbana observada. Cruza-se a linha do Outro primando pela sutileza das investidas, sem que se pretenda a desconfiguração das vivências e práticas imersas na trajetória dos mais variados atores sociais. O saldo das escolhas do artista é deveras significativo na medida em que os diferentes cenários e seus respectivos protagonistas contemplados reproduzem a fluidez ininterrupta da existência.



COM LUPA: CÁ DENTRO

Pelos feixes dourados à descoberta da Serra

I Parte



Onde se situa?

A nossa querida Serra da Estrela já é conhecida e falada por todos. Desde as fotografias fantásticas das paisagens envolvidas em neve até às suas relíquias gastronómicas, esta é sem dúvida uma das regiões mais belas de Portugal. Situada na região centro, destaca-se pelos seus acentuados desníveis montanhosos, pela sua riqueza hidrológica e por toda a sua natureza diversa e de enorme valor, que conferiu aos municípios de Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia a distinção de “Geopark Estrela”, atribuída pela UNESCO, em 2020. A história geológica do Geopark é longa, remontando ao Neoproterozóico, com o Complexo Xistograuváquico, uma sequência de alternâncias entre xistos e metagrauvaques

originados durante a orogenia Cadomiana, devido ao metamorfismo de sedimentos depositados em ambiente marinho. Com inúmeras alterações ocorridas ao longo dos diferentes períodos geológicos, durante o Miocénico, as falhas Variscas foram reativadas, com a Serra a soerguer como uma estrutura em pop-up. Resultado disso foi a montanha em planalto, com 1993 metros de altitude (segundo ponto mais alto do país), imprescindível para a produção de um conjunto de formas e depósitos glaciários durante o Pleistocénico. Caso se interesse por conhecer aprofundadamente os locais de interesse geológico, com elevados valores científicos, ambientais, cénicos, educativos e turísticos, pode consultar a lista de Geossítios (atualmente 146, distribuídos um pouco por todo o território). Já não se colocam dúvidas à importância e à



multiplicidade de características únicas que conferem a esta região uma diferenciação notável! Por isso, é hora de começarmos a nossa viagem!

Roteiro

Embora deixemos aqui a nossa aprovação como destino de eleição para desfrutar da neve em todo o seu esplendor, a verdade é que a nossa proposta é a de conhecer a Serra por outros motivos, igualmente imperdíveis.

Para iniciarmos o nosso percurso vamos até aos dois Centros de Interpretação: Centro de Interpretação da Torre do Estrela Geopark e Centro Interpretativo do Vale Glaciar do Zêzere. No CITEG vai encontrar uma exposição permanen-

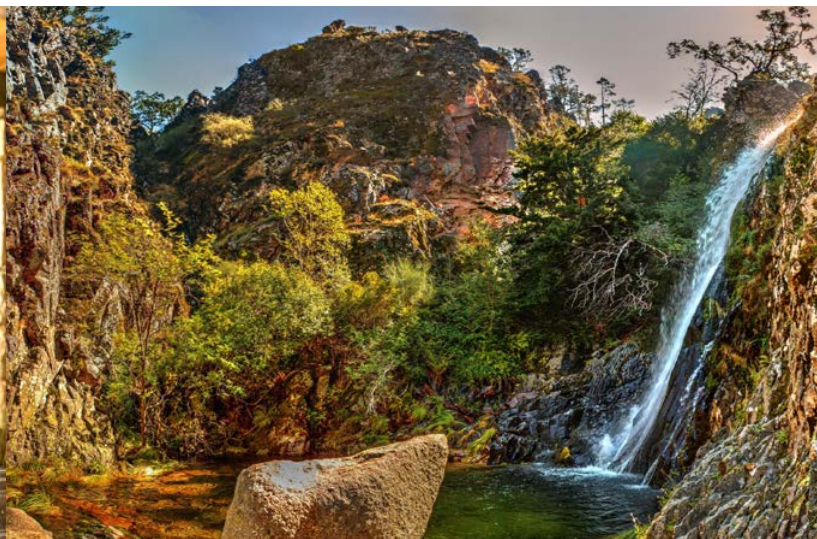
te imperdível relativa às numerosas potencialidades do património natural e cultural da Serra. Para que possa visitar deve efetuar uma marcação prévia para o e-mail - info@geoparkestrela.pt. Já no CIVGLAZ, o foco é um dos já aqui mencionados 146 geossítios, com uma relevância enorme internacional, o Vale Glaciário do Zêzere. Desde simulações de viagem de balão pelo vale, até painéis que lhe expõem a diversidade da flora e fauna existente na região, o centro irá dar-lhe as boas-vindas, convidando-o à exploração e desdobramento dos tesouros da Serra.

Com toda esta aprendizagem da região, certamente que a esta hora lhe estará a apetecer descobrir os sabores que caracterizam a Serra, no conforto de uma boa mesa. Para que

tenha um almoço preciosamente condimentado, indicamos-lhe o Restaurante Vallecule. A harmonia entre o frio exterior e o ambiente acolhedor interior vão deixá-lo com um sentimento dominante de aconchego. Como é a sua hora de almoço, aproveite o tempo e converse com o dono, que além de lhe garantir refeições únicas, também lhe proporciona um serviço cordial e conversas inesquecíveis quer da região, que é bom conhecedor, quer dos sabores requintados que o espaço oferece. Instalado numa casa de xisto recuperada, no centro da aldeia pitoresca de Valhelhas, no Largo do Pelourinho, este restaurante (que funciona desde julho de 2000) irá surpreender o seu palato. Aqui confeccionam-se as mais apreciadas especialidades beirãs. Deixe-se levar com as delícias preparadas exclusivamente para si, com entradas, pratos principais e sobremesas de bradar aos céus. Honestamente garantimos que, qualquer opção que tome aqui o irá deixar

mais que satisfeito, ainda assim, deixamos uma menção especial à alheira de caça; ao lombo de porco em ervas aromáticas com batatas guisadas; ao puré de maçã; ao queijo da Serra de boa cura e ao leite-creme. Os dias de funcionamento são de terça a domingo, estando por isso encerrados à segunda-feira. Quanto ao horário, de terça a sábado funciona entre as 12h00 e as 15h00, e entre as 19h30 e as 22h00, e, ao domingo entre, apenas, as 12h00 e as 15h00. Possuem ar condicionado, estacionamento e Wi-Fi gratuito.

É momento de se aventurar por trilhos pela região! E para o dia de hoje a escolha passa pelo Poço do Inferno! Monumento geológico classificado como Geossítio (BG19, de interesse petrológico), esta cascata natural de 10 metros apresenta uma beleza ímpar. É um dos pontos de maior foco da rota, e é um dos ex-líbris do Concelho de Manteigas e da Serra da Estrela. Tem a duração de 2 a 3 horas (para que possa caminhar





com calma, tirar fotografias e apreciar tudo ao seu redor) numa extensão de 2,5 km. Pela altitude que aqui se verifica, é melhor trazer botas com boa tração para que não corra qualquer risco! Ao longo do percurso vai testemunhar um dualismo no que toca à paisagem, pelo seu carácter natural e humanizado, que lhe irá despertar diferentes emoções. Contemplará a vista sobre o Vale do Rio Zêzere e o Vale da Ribeira de Leandres, misturados com os socacos e edificações de apoio à atividade agrícola. Pedimos a si, neste momento, um minuto apenas... imagine como não será esta vista, coberta pelos tons de dourado do outono harmonizados com o verde das espécies que se espalham ao longo dos vales. O contraste das cores, o cheiro da azinheira, do narciso e do plátano-bastardo que o acolhem, juntamente com a diversidade de fauna derivada das áreas flores-

tais e das linhas de água existentes... todos o convidam ao testemunho de um local mágico e sublime. Já espreitam os coelhos-bravos, as raposas, e até os guarda-rios e os penheiros!

Emoções fortes exigem repouso ainda mais tranquilos, garantidos por espaços de destacável qualidade, como é o caso da Casa de São Lourenço. Uma das primeiras Pousadas de Portugal, remontando a 1940, foi renovada, renascendo 70 anos depois como um hotel de 5 estrelas, com uma vista privilegiada sobre a Serra da Estrela, Manteigas e o Vale Glaciário. Contam com um restaurante que serve pratos divinos centrados com a gastronomia da Serra, e uma vez mais, à companhia da paisagem única. Para relaxar os músculos vá um pouco até à piscina ou ao SPA. Aproveite, feche os olhos e até amanhã...



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| COM LUPA: LÁ FORA

Marrocos

Chefchaouen – Cidade Azul



A viagem deste mês leva-nos à mais pitoresca cidade do norte de África, claro está falo da célebre cidade de Chefchaouen. A Chefchaouen por vezes denominada por Baraxe ou Barraxá caracteriza-se por um pequeno povoado a norte de Marrocos, situado nos contrafortes das montanhas do Rif devidamente encaixada entre dois montes «Kela e Megu». A morfologia natural do terreno conduziu a que os locais apelidem a cidade como a cidade de “entre os Chifres”, no qual corre uma fonte de água natural que terá sido o principal motivo para o povoamento.

A cidade de Chefchaouen terá sido fundada no ano de 1471, caracterizada inicialmente por albergar um pequeno povoado instalado num Kasbah criado pelo líder militar Moulay al-Alami por forma a combater a presença portuguesa no norte de Marrocos. Os habitantes primordiais de Chefchaouen eram provenientes de tribos nómadas, todavia

com a expulsão dos Judeus da Península Ibérica e perseguição aos Moçárabes, terá contribuído para um aumento da população. Viviam-se tempos conturbados na região o combate com os reis cristãos fazia-se em solo africano.

Chefchaouen detinha a localização privilegiada e terá servido de base a muitos ataques nas cidades de Tanger e Arzila. Actualmente é possível ler os manuscritos «Anais de Arzila» do escritor/militar Bernardo Rodrigues, que em 1528 terá sido mantido em cativeiro numa prisão da cidade. Os ataques contra as tropas portuguesas prolongaram-se no tempo, sendo que no ano 1550 a vitória muçulmana em Arzila e a morte do Rei S. Sebastião em Alcácer-Quibir, precipitaram uma diminuição da importância da cidade. O facto de os portugueses estarem remetidos às cidades de Tanger e Ceuta, alterou o paradigma da região conferindo uma maior importância à cidade de Tetuão. Chefchaouen pros-

segiu na história como uma cidade encerrada a visitantes europeus, a distância a cavalo para as cidades vizinhas e a presença do túmulo do santo Moulay Alami tornaram a cidade um local sagrado, proibindo a presença de não muçulmanos durante diversos anos.

A clausura de Chefchaouen só viria a ser revertido em 1920, aquando da integração efetiva da região no protetorado de Espanha. Existem testemunhos dos primeiros espanhóis a entrarem na cidade que relatam a presença numerosa de uma comunidade judia sefardita que escreviam castelhano medieval, língua extinta em Espanha há mais de quatro séculos. Este facto deve-se aos milhares de pessoas que fugiram de Al-Andaluz, nomeadamente cidades de Sevilha, Córdoba e Granada. Seguiram-se anos de ocupação espanhola e de disputa com a República do Rife liderada pelo rebelde Abdel-Krim que viria a ser derrotado com ajuda dos franceses. Em 1956 é arriada pela última vez a bandeira de Espanha na cidade, transitando para domínio de Marrocos, claro está esta cidade assim como outras limítrofes ainda hoje é possível encontrar pessoas que dominam fluentemente o espanhol.

A localização difícil de Chefchaouen conduz a que a cidade seja apenas um local de passagem, no qual os turistas acedem partir de outras cidades com maior relevo, como Tanger, Rabat, Ceuta ou Fez. Conhecida pelos seus tons de azul, considerada por muitos como a cidade mais “instagramável” do mundo proporciona aos visitantes fotografias realmente incríveis. A origem da pintura em tons de azul de ruelas e habitações é desconhecida, existindo diversas

teorias sobre o assunto, a mais consensual está associada à migração de Judeus Sefarditas provenientes da Europa em função da 2ª Guerra Mundial. Segundo consta estes Judeus trouxeram consigo o hábito de pintar as habitações numa tentativa de representar aproximação ao céu. Outras teorias são igualmente abordadas pelos locais, como a frescura que este tipo construção apresenta, a adoção do azul como homenagem à queda de água. Nos registos históricos fica comprovado que a cidade não seria toda azul, existem menções à existência de uma medina em tons brancos. A verdade é que atualmente a cidade cresceu toda em tons de azul, sendo que o governo proporciona materiais para que assim continue, por forma a manter o interesse turístico do local. Mas engane-se quem pensa que Chefchaouen é apenas um local de paredes azuis e prepara-se para uma visita inesquecível.

A visita inicia-se numa manhã de calor, a entrada na cidade é efetuada através de uma das portas circundantes da muralha de tons laranja. Optei pessoalmente por aceder através da Bab El Hammar, sendo que esta porta conflui diretamente ao coração da cidade, nomeadamente a praça central de Uta el-Hammam e o Kasbah. A primeira impressão da cidade é a de uma pequena vila tomada por felinos e na qual os habitantes não se inibem com a presença de turistas. O guia pede que não se fotografe diretamente as pessoas, isto porque culturalmente poderá ser mal interpretado pelos locais. Chefchaouen turístico é relativamente pequeno, sendo relativamente acessível aos mais desorientados turistas.





Medina de Chefchaouen

As medinas em Marrocos representam o “coração” da cidade, nomeadamente é o local onde são realizadas trocas comerciais entre os habitantes. A medina de Chefchaouen destaca-se das demais, devido à cor azul das paredes, os vasos floridos, as portas centenárias, fontes devidamente ornamentadas. A cada passo que o visitante dá na medida, a cada dobrar de esquina surge “algo” novo e surpreendente. As vielas apertadas estão repletas de turistas e de lojas que vendem essencialmente produtos locais, todavia a massificação turística tem contribuído para o desvirtuar de alguns produtos. O caminho é por vezes existente visto que a medina se prolonga até ao sopé da montanha, recomendo paragens estratégicas na qual devem aproveitar as inúmeras bancas de sumos naturais.

Seguindo pela medina para Este chegamos à porta Bal el Onsar, este local é bastante pitoresco, visto que nas proximidades do rio Fouara que abastece toda a cidade com água potável. Nas imediações podemos observar um pequeno mercado de fruta e uma zona de lavagem. Os marroquinos utilizam este ponto como local de lavagem de roupa, num registo de habilidade por meio das rochas do leito do rio.

Kasbah

O Kasbah de Chefchaouen é um pequeno complexo fortificado inserido na muralha, dotado de torres defensivas que terá albergado essencialmente militares. Apesar do estado de conservação, recomendo uma visita. A vista proporcionada pela torre principal, designada como “Torre Portuguesa” é privilegiada e permite uma visão a 360 Graus da cidade. No interior do Kasbah “Torre Portuguesa” poderá ainda observar uma prisão que durante anos albergou prisioneiros Cristãos incluindo portugueses capturados nas incursões às muçulmanas a cidades do norte Marrocos.

O pátio do Kasbah é demonstrativo de um jardim árabe, repleto e árvores, nomeadamente palmeiras e laranjeiras que conjuntamente com uma fonte central, transparece a ideia de um pequeno oásis.

No interior do Kasbah podemos visitar o Museu Etnográfico que alberga artefactos relacionados com as comunidades e tradições tribais da região. No interior é possível observar ferramentas para trabalhar couro e madeiras, assim como vídeos elucidativos sobre a construção de instrumentos musicais, recorde que a música é a essência deste povo habituado a conviver no deserto em torno de uma aconchegante fogueira.



Praça Uta el-Hammam

A praça central de Chefchaouen conquista o mundo pela sua simplicidade, repleta de comércio, nomeadamente restauração, este lugar é abençoado do ponto vista arquitetónico. Os edifícios circundantes transparecem anos de influência árabe e espanhol, a fonte central funciona como um refúgio com sombra, na qual podemos parar e observar a vida própria da localidade. Em Chefchaouen a desorientação termina sempre neste local, portanto esteja à vontade de explorar as ruas.

A praça central é igualmente um local privilegiado para arte, destaque vai para a pintura, é um local no qual se reúnem diversos pintores que tentam comercializar os seus quadros predominantemente em tons de azul.

Na praça principal de Chefchaouen podemos encontrar dos estabelecimentos de banhos Hammam. O calor que se faz sentir convida a um banho, todavia não foi propriamente a minha opção, apesar de aparentemente bastante limpo este Hammam público é usado pelos fundamentalmente pelos locais.

A Grande Mesquita

Apesar de não ser possível visitar o interior, exceto Muçulmanos é impossível ficar indiferente a este edifício. Esta mesquita data do século XV, sendo que a sua construção se deve ao fundador da cidade. Este famigerado monumento destaca-se pelo seu minarete em formato octogonal. Ao longo do dia os altifalantes impressionam os visitantes com múltiplas chamadas para a oração. Aproveite uma das diversas esplanadas de cobertura na praça Uta el-Hammam ao sabor de um chá de menta oiça os encantos da mesquita que se propagam sob a cidade.

Visitar Chefchaouen é algo indescritível, o viajante depara-se com uma realidade completamente diferente de todos os povoados marroquinos. A originalidade de Chefchaouen é única resta esperar que o turismo massivo não a destrua.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



FALAR PORTUGUÊS

“O comer está na mesa!”

Há muitas pessoas que não gostam de ouvir a expressão “o comer”.

Estão, obviamente, no seu direito. Aliás, convém perceber que a expressão não é nada bem-vista em certos círculos sociais e incentivar o seu uso pode levar a situações embaraçosas. É uma questão de etiqueta — e todos sabemos como, muitas vezes, a etiqueta é irracional e importante. A questão é outra: quem não gosta da expressão acusa quem a usa de estar a cometer um erro de português. Ora, na realidade, o prevaricador estará, no máximo, a cometer um erro social, mas não um erro linguístico.

“Então mas ‘comer’ é um verbo: não podemos usar como substantivo!”

Não só nada impede as palavras de saltarem classes gramaticais, como esse fenómeno é muito comum, sem levantar qualquer questão. Reparem nas frases:

- “O saber não ocupa lugar.”
- “O teu olhar é lindo.”

“Saber” e “olhar” são verbos transformados em substantivos — tal como “comer” na expressão “o comer está na mesa”.

“Tudo bem, mas se temos a expressão ‘a comida’, é um erro inventar outra expressão para dizer a mesma coisa.”

A língua tem muitos casos de sinónimos ou palavras de significado parecido. “Saber” também tem significado semelhante a “sabedoria” e ninguém se importa. Por que razão havemos de impedir o uso de palavras só porque existem outras palavras com significado parecido? Teríamos de apagar dos dicionários imensas palavras (quase todas).

“Está errado e pronto!
E cada vez oiço mais, infelizmente!”

O que acontece não é que cada vez se oiça mais esta expressão: há é cada vez mais contacto entre vários grupos sociais e, assim, todos estamos mais expostos à variação linguística — que, na realidade, tem vindo a diminuir ao longo das últimas décadas, devido à maior escolarização e a esses maiores contactos sociais.

Quanto a dizer que está errado e pronto, é uma estratégia habitual no comentário aos usos linguísticos dos outros. Mas é uma estratégia, esta sim, errada. Uma coisa é o gosto pessoal de cada um e ninguém é obrigado a gostar desta ou daquela expressão (ou desta ou daquela pessoa) — outra coisa é apontar o dedo a um suposto erro de português só porque sim.

“Só mostra o facilitismo que grassa por aí!”

A acusação de facilitismo nos debates linguísticos é muito... facilitista. Neste caso, não há qualquer facilidade em usar “o comer” em vez de “a comida”. Há até um aumento das opções em termos de vocabulário, com uma maior dificuldade na escolha...

“Então por que razão tanta gente diz que está errado?”

Não sei explicar, mas tenho uma teoria: há expressões que ferem os ouvidos de algumas pessoas, como “funeral”, “vermelho” e outras que tais, por serem, supostamente, sinais de uma certa origem social. Ora, no caso de “o comer”, quem tem esta sensibilidade demasiado apurada encontrou alguns pseudo-argumentos linguísticos contra o uso da expressão. Esses argumentos e ideias espalharam-se através de conversas, comentários, etc. — e acabámos por ter de lidar com o mito de que “o comer” é um erro linguístico. Não é um erro linguístico: é, como disse acima, um possível erro social, se a expressão for usada em meios sociais que a abominam.

Por isso, vamos todos respirar fundo. “O comer” não faz mal a ninguém. Pode ser, apenas, um pouco desagradável, por falta de hábito de quem ouve. Pode ser um erro social. Mas não é um erro de português.

Tratem da fama e do comer, / Que amanhã é dos loucos de hoje!

— Álvaro de Campos, “Gazetilha”



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO

Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.



Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

DIREITO FISCAL

Planos Prestacionais à Segurança Social

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

O novo Decreto-Lei n.º 30-D/2022, de 18.04, contém várias medidas destinadas a mitigar o impacto financeiro causado pela guerra na Ucrânia. De entre as mesmas, salienta-se o regime extraordinário de diferimento do pagamento das contribuições para a Segurança Social dos meses de março a junho de 2022. E desde 11 de agosto deste ano que se encontra disponível, na Segurança Social Direta, a funcionalidade que permite registar o pedido de plano prestacional de regularização dos montantes daquelas contribuições.

Este plano prestacional permite que o pagamento das contribuições possa ser efetuado até seis prestações mensais e sucessivas, sem juros de mora, vencendo a primeira prestação no final do mês de agosto, e depende de pedido do interessado a registar na Segurança Social Direta, em “Conta corrente>Paga-

mentos à Segurança Social>Planos Prestacionais>Registar plano prestacional”.

O plano prestacional é disponibilizado aos trabalhadores independentes e às entidades empregadoras dos setores privado e social cuja área de atividade se encontre prevista na Portaria n.º 141/2022, de 03.05.

Os trabalhadores independentes podem pagar as restantes contribuições dos meses de março a junho de 2022, desde que tenha existido pagamento, dentro do prazo, de um terço das contribuições de março a junho de 2022, ou tenha existido pagamento, dentro do prazo, do total das contribuições de março e, pelo menos, de um terço das contribuições no mês de junho de 2022. As entidades empregadoras podem pagar as restantes contribuições de março a junho de 2022, desde que tenha existido pagamento, dentro

do prazo, de um terço das contribuições e de todas as quotizações no mês em que eram devidas; ou tenha existido pagamento, dentro do prazo, de todas as quotizações e contribuições em março; pelo menos o pagamento de todas as quotizações nos meses de abril e maio; pagamento de todas as quotizações e um terço das contribuições em junho.

Embora reconhecendo que a previsão e a efetivação desta medida (e das demais elencadas no referido diploma) é um passo no apoio ao tecido empresarial, aos consumidores e às famílias no difícil período económico que atravessamos, adivinha-se que a mesma será insuficiente e que será, muito provavelmente, alvo de prorrogação, em face, infelizmente, do prolongamento do conflito armado na Ucrânia e que leva, na presente data, já uma duração superior a seis meses.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

O Erro

Ao longo da nossa vida, devemos sempre estar preparados para reagir prontamente, quando num determinado momento, a vida nos propicia a oportunidade de fazer ou aproveitar algo de uma determinada situação.

Isto também se aplica aos negócios. Muitas vezes, estas oportunidades que se apresentam podem determinar significativamente o sucesso ou insucesso do mesmo.

A identificação de um erro numa organização pode ser um tesouro para a mesma.

Recentemente, a revista Nature Communications concluiu que errar é normal e faz parte da aprendizagem. O artigo contou com a participação de cientistas do Centro Champalimaud (Portugal), da Faculdade de Medicina de Harvard (Estados Unidos) e na Universidade de Genebra (Suíça), sendo a conclusão principal do estudo que “errar é a oportunidade para aprender algo novo”.

O erro é portando, uma oportunidade, uma oportunidade de crescimento para a pessoa envolvida e para a organização repensar os seus processos.

Se a organização aproveitar o erro para o tornar como fonte de aprendizagem,

valorizando-o positivamente, poderá incentivar o gosto do colaborador em aprender e em fazer melhor o seu trabalho.

O erro pode ser um fator de mudança numa organização, se usado para incentivar o conhecimento e o desenvolvimento de novas práticas e processos. Quando o colaborador analisa porque errou, e se a organização se envolve nesse processo, todos os envolvidos acabarão este processo com um maior conhecimento.

Se a organização assentar a sua formação interna nos erros que ocorreram, poderá desenvolver uma formação de grande proveito para os seus colaboradores.

Talvez não seja por acaso, que a Harvard Business School usa o método do caso desde há muito tempo.

O grande desafio tanto para os colaboradores como para a organização, é descobrir como lidar positivamente com o erro, para evitar que este provoque frustrações, desmotivação e apatia, pois, o que se procura é o prazer do conhecimento, o crescimento da pessoa e da organização, o gosto em se superar.

Penso que todos nós já passamos pela experiência de, na tentativa de acertar,

errar várias vezes primeiro para depois então acertar, e se calhar, não acertaríamos se não tivéssemos errado antes... A organização deve evitar que a reação ao erro se resuma à sua correção. Deve procurar que este desencadeie uma oportunidade informativa e formativa, depois de identificadas as razões da sua ocorrência.

A reflexão assume uma grande importância na gestão do erro, fomentando a consciência crítica e dando a oportunidade para que surja a aprendizagem com o mesmo. O erro permite um melhor conhecimento de si e da organização.

A organização tem tudo a ganhar se conseguir despertar em cada colaborador a curiosidade, espírito de investigação e motivação e desenvolver a sua capacidade em resolver problemas que se apresentam no seu dia-a-dia.

O erro é, portanto, um ponto de partida para o sucesso de uma organização.

Citando Winston Churchill: “O sucesso consiste em ir de fracasso em fracasso sem perder o entusiasmo”.

Na sua organização, caso tenha dúvidas se está perante um erro ou não, não hesite em recorrer a um contabilista certificado.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

OFEREÇA UM MELHOR FUTURO À SUA FAMÍLIA EM PORTUGAL

+351 217 960 436

GERAL@EIMIGRANTE.PT

@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO